

Universidade Federal de Uberlândia

Guilherme Augusto Souza Melo

**AMEAÇAS DE SEGURANÇA: ANÁLISE DOS GOVERNOS JOHN F. KENNEDY,
GEORGE H. W. BUSH, GEORGE W. BUSH E DONALD TRUMP**

**Uberlândia
2021**

Guilherme Augusto Souza Melo

AMEAÇAS DE SEGURANÇA: ANÁLISE DOS GOVERNOS JOHN F. KENNEDY,
GEORGE H. W. BUSH, GEORGE W. BUSH E DONALD TRUMP

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Análise de política externa

Orientador: Prof. Dr. Augusto Veloso Leão

Uberlândia
2021

Resumo

Esta pesquisa visou compreender as mudanças nos conceitos de "segurança nacional" e "ameaça" nos EUA no período após a II Guerra Mundial até hoje. Para isso, a pesquisa esteve focada em quatro governos: John F. Kennedy (1961-1963), George H. W. Bush (1989-1993), George W. Bush (2001-2009) e Donald Trump (2017-2021). Foram analisados 132 scripts de discursos desses chefes de governo estadunidenses, utilizando o método de análise de conteúdo para verificar quais termos, que codificamos e encontramos estão conectados aos temas de segurança nos discursos presidenciais analisados. Com isso, identificamos os subtemas mais importantes de cada um dos períodos e ampliamos a compreensão sobre o posicionamento desses atores com relação aos temas de segurança. A LTA auxiliou na identificação de traços de personalidade dos líderes com base em 150 respostas dos presidentes a perguntas, em coletivas de imprensa. A utilização conjunta dos dois métodos se mostrou útil para compreender a influência das condições históricas e das características individuais para a definição do que são as ameaças nacionais.

Palavras-chave: EUA; Segurança; Análise de Política Externa; Análise de conteúdo; Análise de Traços de Liderança

Summary

This research aimed to understand the changes in the concepts of "national security" and "threat" in the U.S. in the period after World War II until today. For this, the research was focused on four governments: John F. Kennedy (1961-1963), George H. W. Bush (1989-1993), George W. Bush (2001-2009) and Donald Trump (2017-2021). We analyzed 132 speech scripts of these US presidents, using the content analysis method to verify which terms are connected to national security issues in the analyzed presidential speeches. With this, we identified the most important sub-themes for each of the periods and expanded the understanding of the position of these actors in relation to national security issues. The LTA helped identify the personality traits of leaders based on 150 presidents' responses to questions at press conferences. The joint use of the two methods proved itself to be useful in understanding the influence of historical conditions and individual characteristics in defining what national threats are.

Keywords: USA; National security; Foreign Policy Analysis; Content analysis; Leadership Traits Analysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
1.1	JUSTIFICATIVA.....	7
1.2	HIPÓTESE	10
1.3	OBJETIVO GERAL	11
1.4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO.....	11
2	METODOLOGIA	13
3	TEMAS, SUBTEMAS E CONTEXTO	16
3.1	ANÁLISE DE CONTEÚDO	16
3.2	AMEAÇAS DE SEGURANÇA MAIS FREQUENTES NOS DISCURSOS ANALISADOS.....	23
3.3	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	34
4	LEADERSHIP TRAIT ANALYSIS.....	36
4.1	PERFIS DE LIDERANÇA.....	38
4.1.1	RESPEITA OU DESAFIA OS CONSTRANGIMENTOS DO AMBIENTE.....	41
4.1.2	COMO PROCESSAM AS INFORMAÇÕES	43
4.1.3	MOTIVAÇÕES	45
4.2	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	48
5	CONCLUSÃO	49
	REFERÊNCIAS	50

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRAFICO 1	Total de palavras nos discursos analisados por presidente	24
GRAFICO 2	Distribuição dos discursos analisados de J. F. Kennedy por ano	25
GRAFICO 3	Distribuição dos discursos analisados de G. H. W. Bush por ano	25
GRAFICO 4	Distribuição dos discursos analisados de G. W. Bush por ano	26
GRAFICO 5	Distribuição dos discursos analisados de D. Trump por ano	26

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Principais subtemas de segurança obtidos através da autocodificação (10 mais frequentes).	28
TABELA 2	Palavras codificadas como “Ameaça Nuclear”, “Comunismo”, “Fronteira”, “Oriente Médio”, “Terrorismo” e “URSS”	30
TABELA 3	Frequência dos temas de segurança “Ameaça Nuclear”, “Comunismo”, “Fronteira”, “Oriente Médio”, “Terrorismo” e “URSS”	31
TABELA 4	Traços de liderança: crença na capacidade de influenciar eventos (BACE), necessidade de poder (PWR), autoconfiança (SC), complexidade conceitual (CC), desconfiança nos outros (DIS), valorização do grupo (IGB) e orientação a tarefas (TASK) de cada presidente, comparados com a pontuações das características de liderança de 122 líderes políticos e 87 chefes de Estado	39
TABELA 5	Traço de liderança crença na capacidade de influenciar eventos (BACE) de G. W. Bush em seus dois mandatos (2001 a 2004 e 2005 a 2009), comparando com a pontuação na característica, de 122 líderes políticos	43
TABELA 6	Traço de liderança de confiança nos outros (DIS) de G. W. Bush em seus dois mandatos (2001 a 2004 e 2005 a 2009), comparando com a pontuação na característica, de 122 líderes políticos	46

1. Introdução

A Análise de Política Externa (APE) constitui um subcampo de Relações Internacionais (RI) com grande potencial para estudos interdisciplinares e explicações integrativas. Como foi destacado por Valerie Hudson (2005, p.2), a APE permite uma abordagem que favorece a análise de múltiplos fatores, em múltiplos níveis e de maneira interdisciplinar. Hudson (2005) discute também como a APE pode auxiliar para aumentar a aplicabilidade das teorias de RI e ajudar a entender quais são as percepções dos agentes sobre o mundo e sobre suas ações. Ao mesmo tempo, a APE oferece elementos para analisar como essas percepções e ações dos países são dotadas de agência e contribuem para construir as estruturas e instituições que conformam o sistema internacional. Para a autora, o fato de a APE ser orientada aos agentes tomadores de decisão e usualmente ter como objeto as políticas governamentais, permite uma intensa comunicação com diversos ramos do conhecimento (Hudson, 2005, p.5). Nesta pesquisa, estamos interessados em explorar a interdisciplinaridade da APE e utilizar métodos que permitam ao mesmo tempo explorar as percepções dos atores e como essas percepções contribuem para construir o sistema internacional. Para isso, escolhemos focar nos conceitos de segurança e ameaça nacional, que têm um impacto muito grande em definir as relações entre os países.

Os conceitos de segurança nacional e ameaças estão entre as principais preocupações de estados soberanos e estão presentes nos discursos proferidos pelos líderes em tempos de conflitos e em tempos de paz. Dentro das diversas correntes que oferecem explicações sobre a formação dos conceitos e ideias e sua importância para o sistema internacional, nos interessamos especialmente pelas discussões que as teorias críticas de Relações Internacionais podem nos oferecer. Robert Cox descreve as premissas básicas para uma teoria crítica em RI: (a) a consciência de que a ação está inscrita em um quadro de possibilidades que constitui a problemática da teoria, analisada através de pesquisa histórica; (b) a consciência de que a própria teoria é delineada por esta problemática; (c) o entendimento que o quadro de possibilidades de ação muda com o tempo e o objetivo da teoria deve ser entender essas mudanças; (d) o fato desse quadro tomar a forma de uma estrutura histórica, constituída pelas ideias, condições materiais e instituições, dentro da qual a ação ocorre (Cox, 1986).

Acreditamos que esses debates são úteis para trazer perspectivas a respeito da política externa como uma política pública. Argumentamos que as políticas públicas devem ser compreendidas como um curso de ação propositalmente escolhido por um ator ou um grupo de atores para lidar com um problema ou questão que causa preocupação (Anderson, 2003, p. 3). Além

disso, segundo Michael Howlet e M. Ramesh, as decisões de políticas públicas contemplam uma "ligação entre a ação e a percepção" (2003, p. 7). Com isso, ressalta-se o papel de agente do chefe de governo: os discursos evidenciam a escolha por determinadas palavras ao invés de outras, por exemplo. Um estudo de ações de agência demanda a observação de conceitos como "motivação, emoção e representação de problema", que deriva do fato de que é um campo centrado em ação de seres humanos (Hudson, 2005, p. 4). Este conceito de política externa, que ressalta o propósito das ações pelos atores e as conecta com as percepções desses mesmos agentes, possibilita a utilização de uma extensa quantidade de variáveis. Neste estudo, investigamos a conexão entre ameaça de segurança e políticas públicas e como elas estão inscritas em quadros de possibilidades que mudaram ao longo do tempo, como é possível observar através da pesquisa histórica.

1.1 Justificativa

Esta pesquisa se justifica por duas razões principais. A primeira, pela relevância do tema de segurança e ameaças para a relação entre os países e, conseqüentemente, para a formulação da política externa. A segunda, para permitir a exploração de métodos de pesquisa interdisciplinares que podem adicionar novos pontos de vista sobre as análises correntes de política externa.

A escolha pelos quatro períodos de análise – os governos de John Fitzgerald Kennedy, George Herbert Walker Bush, George Walker Bush e Donald John Trump – está relacionada com as diferentes percepções de ameaças à segurança nacional. Os presidentes escolhidos apresentaram formas diferentes de lidar com o contexto e os desafios internos e, portanto, podem oferecer informações interessantes quando analisados utilizando as mesmas ferramentas. Além disso, eventos muito marcantes para a política externa de segurança ocorreram nos períodos desses governos.

No contexto do meio da Guerra Fria (1961-1963), o governo de John F. Kennedy se viu obrigado a lidar com tensões em locais politicamente relevantes na Europa e no próprio continente americano. A fronteira entre Berlim Oriental e Berlim Ocidental (entre a Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental) e a construção do muro na cidade pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1961, foi uma discussão central no período. Já no continente americano, principal subsistema de poder dos EUA, a inesperada Revolução Cubana (1953-1959), permanecia como um problema relevante, com desdobramentos com impactos desastrosos, a exemplo da invasão da Baía dos Porcos, em 1961 (HERRING, 2008, p. 705-706). As ações de Kennedy deram maior atenção a países do então chamado Terceiro Mundo do que seus antecessores, inclusive

propondo políticas com o objetivo de reduzir o subdesenvolvimento, uma vez que ele considerava o subdesenvolvimento um fator de risco facilitador da infiltração da ideologia comunista nas Américas (HERRING, 2008).

O governo de George H. W. Bush (1989-1993) viu uma redução importante do poder militar e da influência da URSS e seu desmantelamento em 1991. Ainda que a ideologia comunista e a ameaça soviética continuassem como elementos importantes em discussão na sociedade estadunidense, o tema foi substituído rapidamente como preocupação central para G. H. W. Bush, que teve que voltar suas ações para as ameaças internacionais derivadas da Invasão do Iraque ao Kuwait (1990) (HERRING, 2008).

Quando George W. Bush (2001-2009) assumiu o governo, em 2001, a política externa estadunidense apresentou uma virada para um comportamento mais voltado para o unilateralismo, transparecendo-se, inclusive, um pouco isolacionista. Assim, a política externa priorizou interesses pontuais dos EUA em detrimento do internacionalismo. Apesar de ter inicialmente se posicionado contra a responsabilidade dos EUA como mantedor da segurança internacional, revisou essa posição depois dos ataques terroristas ao Pentágono e ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, sete meses depois do início de seu governo. A partir dos ataques, G. W. Bush modificou sua posição em temas do cenário geopolítico global e reorientou sua política externa. Os conflitos transnacionais, especificamente o terrorismo, e os chamados “*rogue States*” (países delinquentes), passaram a ser os assuntos centrais de segurança nacional (HERRING, 2008).

A administração de Donald Trump, entre 2017 e 2020, ocorreu em um momento em que o sistema internacional experimentava uma distribuição de poder menos concentrada que no início do III Milênio. As características de um sistema multipolar de poder estão mais presentes, com a Rússia e a China sendo atores mais relevantes, o que influenciou na mudança de rumos proposta pela política externa do governo Trump. Assim, o presidente realocou grande parte do enfoque de defesa e de combate ao terrorismo para essas duas regiões. Isto se verifica em ações como um acordo com o Talibã, no Afeganistão, em 2020, para a retirada de tropas dos EUA do país, e o reposicionamento de tropas da Alemanha para Bélgica, com o objetivo de ter maior flexibilidade estratégica na Europa Oriental. Trump também dedicou mais atenção que os três antecessores analisados aqui para possíveis ameaças e desafios internos, a exemplo de sua preocupação com relação à imigração (TRUMP’S FOREIGN POLICY MOMENTS, 2021).

Os temas de segurança e ameaça que formam o núcleo de preocupação dos diferentes governos estadunidenses são bastante conhecidos e extensamente estudados. Por esse motivo, a parte de exploração de métodos de pesquisa e novas combinações interdisciplinares também foi uma parte central desta pesquisa e formou parte importante da justificativa para a realização do

presente estudo. As diferentes mudanças nas políticas dos presidentes em relação aos acontecimentos que marcaram esses temas de segurança, são importantes para entender a política externa dos períodos incluídos no estudo, o que justifica a escolha dos presidentes. No caso de Kennedy, alguns dos momentos de maior tensão da Guerra Fria, como a Crise dos Mísseis de 1962. No governo de G. W. H. Bush o fim da própria Guerra Fria. Durante o de G. W. Bush o início da Guerra Contra o Terrorismo com a doutrina Bush que surgiu em resposta aos ataques de 11 de setembro de 2001. E trouxemos uma perspectiva mais recente com as políticas do governo Trump, que voltaram o seu foco de segurança para a imigração.

Como discutido anteriormente, a abordagem escolhida para a pesquisa está relacionada com os estudos críticos de Relações Internacionais, para os quais os atores ajudam a construir as características do sistema internacional a partir de suas ações e das concepções que têm sobre o sistema e os outros atores. Nesse sentido, conectamos o que os diferentes presidentes falam sobre as ameaças de segurança e buscamos analisar como a forma com que eles se expressam sobre o tema ajuda a compreender melhor as ações que eles tomaram para influenciar o sistema internacional.

Para esse fim, escolhemos a Análise de Conteúdo como um dos métodos de pesquisa. O modelo que pretendemos desenvolver é inspirado naquele desenvolvido por Danielle Silva e colegas (Silva, Ribeiro, Carvalho, 2015), que sugere buscar informações em discursos presidenciais, selecionando os temas e subtemas mais relevantes. A análise de conteúdo vai nos ajudar a compreender quais ideias estão relacionadas com o conceito de segurança nacional para cada presidente e será realizada com o apoio de programas de computador de análise de dados qualitativos. Os programas auxiliarão a apontar os termos mais frequentes utilizados no contexto de segurança nacional e, com essas informações em mãos, poderemos debater a relação entre os conceitos abordados na nossa pesquisa, e contextualizar com os elementos sistêmicos de cada período e as ações tomadas pelos diferentes presidentes.

Adicionamos uma segunda perspectiva para a análise, a partir do método proposto por Hermann (2002, p. 10). A Análise de Traço de Liderança (*Leadership Trait Analysis*, ou LTA), busca identificar traços específicos nos discursos proferidos que carregam informações sobre como os líderes enfrentam as dificuldades apresentadas pelo contexto, processam informação e o que os leva a agir. Esta análise foi realizada com ajuda do *ProfilerPlus*, uma ferramenta que oferece a funcionalidade de codificar o texto de acordo com as sete características propostas pelo LTA e verificar as frequências de manifestação dessas características em cada um dos discursos (Hermann, 2002, p. 11).

Duas questões motivaram as nossas reflexões iniciais sobre o tema: a) quais as ameaças de segurança mais importantes que podem ser encontradas nos discursos dos presidentes J. F.

Kennedy, G. H. Bush, G. W. Bush e D. Trump?; e b) quais elementos (advindos do contexto internacional e de traços individuais) influenciam os discursos e a apresentação das doutrinas de segurança?

1.2 Hipótese

A nossa hipótese é que as ameaças de segurança mais importantes em cada período têm influência no conteúdo que pode ser encontrado nos discursos dos presidentes. Dessa maneira, a hipótese sustenta que, durante o governo de John F. Kennedy (1961 a 1963), a maior ameaça percebida está relacionada com o poder ideológico do comunismo e da URSS. A percepção dessa ameaça diminui consideravelmente durante o governo de George H. W. Bush (1989 a 1993), quando a URSS já não era mais uma grande potência, mas permanece como a ameaça mais significativa, e é somada à percepção de ameaça a partir do Oriente Médio. Durante o primeiro governo de George W. Bush (2001 a 2005) o terrorismo ganha importância como ameaça de segurança, em consequência do ataque de 11 de setembro de 2001 e o impacto que o ataque causa na sociedade estadunidense. A Guerra ao Terror proposta por G. W. Bush fortalece o elemento de oposição a países do Oriente Médio. Por fim, a hipótese sustenta que, para o governo de Donald Trump (2017 a 2021), as principais percepções de ameaça são internas, refletida na preocupação especial com a migração demonstrada por este presidente.

Além disso, interessa-nos explorar como os traços de liderança individuais podem ter influência na percepção das ameaças. A LTA, como apresentada por Hermann (2002, p. 10), analisa sete características individuais: 1) crença na habilidade de controlar eventos; 2) necessidade de poder e influência; 3) complexidade conceitual; 4) autoconfiança; 5) orientação a tarefas; 6) desconfiança com relação a outros; e 7) intensidade da tendência a priorizar a manutenção do grupo a que pertence. Nossas hipóteses com relação a essas características são:

- quanto maior a crença na habilidade de controlar eventos, maior o número de ações e planos propostos para agir contra as ameaças;
- quanto maior a necessidade de poder e influência, mais frequente é uma análise de custos e benefícios das ações contra as ameaças;
- quanto maior a complexidade conceitual dos presidentes, melhor definidas são as ameaças, descrevendo atores, ações, lugares, ideias e situações relacionadas com elas;
- quanto maior a autoconfiança, maior é o número de ameaças identificadas;
- quanto maior a orientação a tarefas, mais um líder estaria disposto a tomar ações unilaterais ou sem o apoio de mais atores políticos internos. Em contextos mais multipolares ou de crise do poder hegemônico, o líder pode buscar o apoio, de

poucos atores e instrumentalizá-lo, a fim de completar uma tarefa, mesmo que isso prejudique seus apoiadores. Por outro lado, uma orientação a relacionamentos ressalta o foco em ações multilaterais e com apoio de mais atores políticos internos, sem os quais o líder tende a evitar agir;

- quanto maior a desconfiança com relação a outros, mais intensa as ameaças notadas nos diferentes níveis (doméstico e internacional);
- quanto maior a intensidade de sentimentos de valorização do grupo a que o líder percebe que pertence, maior é o número de ameaças externas ao grupo identificadas.

A partir dessas hipóteses desenvolvemos os objetivos geral e específicos desta pesquisa:

1.3 Objetivo geral

Elucidar as principais ameaças que aparecem no conteúdo do discurso dos presidentes, em cada um dos quatro períodos (1961-1963, 1989-1993, 2001-2009, 2017-2021) e as possíveis mudanças analisadas à luz do contexto internacional e de traços individuais dos quatro presidentes.

1.4 Objetivos específicos

- Encontrar os temas, subtemas e os contextos apresentados sobre as ameaças de segurança mais frequentes nas falas de cada presidente, através de uma análise de conteúdo em discursos presidenciais.
- Discutir o que cada um desses elementos significa para a política externa estadunidense de cada governo e como se relaciona com a segurança nacional.
- Explorar novas perspectivas a respeito do conteúdo dos proferimentos e dos temas abordados, a partir da análise de traços de liderança com o apoio do método *Leadership Trait Analysis* (LTA).

1.5 Estrutura do trabalho

Além da introdução e da metodologia que é explicada no próximo capítulo, este trabalho tem mais três capítulos. O terceiro capítulo, "Temas subtemas e contextos", faz uma exposição das bases epistemológicas da análise de conteúdo e uma explicação breve de como a adaptamos para esta pesquisa. Depois mostramos os dados da análise do material e como foi realizada a análise. No capítulo seguinte, chamado "*Leadership Trait Analysis*", explicamos o uso do método de análise de

traços de liderança para o estudo das relações internacionais. Em seguida, apresentamos os perfis de liderança que construímos com o auxílio de uma ferramenta de inteligência artificial que processou e forneceu os dados com base nos textos selecionados, e, em seguida, discutimos as possíveis implicações desses resultados para as nossas hipóteses. No capítulo final fazemos algumas reflexões sobre as respostas que obtemos por meio da aplicação dos dois métodos.

2. Metodologia

Para a Análise de Conteúdo, foram selecionados 147 scripts de discursos dos quatro presidentes escolhidos: 45 de John F. Kennedy, proferidos entre 1961 e 1963; 23 de George H. W. Bush, proferidos entre 1989 e 1993; 39 de George W. Bush, entre 2001 e 2009; e 40 de Donald Trump, entre 2017 e 2021. Os discursos foram recolhidos em língua inglesa em sua forma transcrita do *Corpus of Presidential Speeches* do *The Grammar Lab*, e dos repositórios do *Miller Center* (para os discursos de Donald Trump), afiliado à Universidade da Virgínia, e representam a totalidade dos discursos disponíveis nestes bancos de dados para os períodos selecionados.

O primeiro passo foi a formulação de hipóteses a partir da literatura disponível sobre as possíveis preocupações de segurança e ameaça que cada um dos presidentes se preocupou mais. O passo seguinte foi o processo de codificação dos textos, seguindo estrutura similar à proposta por Silva, Ribeiro e Carvalho (2015) e utilizando o programa de análise de dados qualitativos NVivo. As autoras propõem a organização das informações por temas, categorias, subcategorias, unidades de registro e unidades de contexto. Após estas etapas, procedemos à exploração do material, o tratamento dos dados e à interpretação dos resultados (Silva, Ribeiro, Carvalho, 2015: p. 253).

Cada uma das administrações serviu como uma categoria, e a análise preliminar da literatura sugeriu algumas subcategorias: como "terrorismo", "imigração" e "armas nucleares". Além disso usamos como palavras-chave aquelas que permitem associação com ameaça e segurança nacional, como: emergência, perigo, ameaça, risco, armas, bombas, guerra, exército, tropas, armas nucleares e mísseis (em suas traduções do inglês para o português). Outros indicadores utilizados foram construídos a partir de palavras e expressões frequentes que denotam algo que se relaciona com a segurança, a proteção, a manutenção da integridade física da população do país, ou a capacidade de projeção de poder de acordo com interesses geopolíticos, surgidos das palavras mais frequentes observadas nos discursos.

Outros textos foram analisados com o auxílio da ferramenta ProfilerPlus para a identificação das sete características propostas pelo LTA, os quais foram retirados do repositório *The American Presidency Project*, da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. Foram utilizadas 256 respostas dos quatro presidentes a perguntas em 42 coletivas de imprensa, em língua inglesa. Segundo Hermann (2002, p. 3), para que a LTA tenha resultados confiáveis, o método requer a utilização de pelo menos 50 respostas com, no mínimo, 100 palavras de cada um dos líderes analisados e seguimos estes requisitos diligentemente. Ao todo foram coletadas 50 respostas de seis

entrevistas com J. F. Kennedy, 52 respostas de dez entrevistas com G. W. H. Bush, 51 respostas de cinco entrevistas da primeira administração de G. W. Bush (2001 a 2004), e 53 respostas em 12 entrevistas de seu segundo mandato (2005 a 2009); e 50 respostas de 8 entrevistas de D. Trump. Para Donald Trump, todas respostas contendo 100 palavras ou mais ocorreram entre 2017 e 2020 (não encontramos respostas com mais de 100 palavras em 2021). O programa mostrou a pontuação relativa à manifestação das características e utilizamos o conjunto de respostas de cada presidente para traçar seus perfis de liderança. Com base nos resultados, procedemos à análise de como os traços de liderança podem ter influência nas ameaças de segurança e nas propostas de ações tomadas.

O termo traços de liderança se referem:

(...) às formas como os líderes se relacionam com aqueles ao seu redor – seja seus eleitores, conselheiros ou outros líderes –, como eles estruturam as interações e, por fim, as normas, as regras e os princípios que eles utilizam para guiar essas interações (HERMANN, 2002, p. 5).

A LTA permitiu acessar, à distância, três tipos específicos de informações consideradas relevantes, pois nelas se baseiam o perfil de liderança. É possível perceber a importância desses estilos, pois têm a capacidade de afetar tendências dos humanos que lideram, inclusive as suas tomadas de decisão. Segundo Hermann (2002: 5):

Esses estilos de liderança são construídos em torno das respostas a três perguntas: (a) Como os líderes reagem às restrições políticas em seu ambiente - eles respeitam ou desafiam essas restrições? (b) Quão abertos são os líderes às informações que chegam - eles usam as informações seletivamente ou estão abertos às informações que direcionam suas respostas? (c) Quais são as razões dos líderes para buscar suas posições – eles são movidos por um foco interno de atenção dentro deles ou pelos relacionamentos que podem ser formados com eleitores proeminentes?

Semelhante ao que se nota na nossa revisão bibliográfica, Hermann (2002:10) sugere que os seguintes traços de liderança "crença na capacidade de influenciar eventos" e "necessidade de poder", indicam de que maneira cada presidente respeita ou desafia as restrições do ambiente. A "complexidade conceitual" e a "autoconfiança" ajudam a avaliar como os líderes analisados processam informação, se têm suas ações influenciadas por elas, ou as usam seletivamente para defender que suas ações estão corretas e justificadas. A partir dos traços: "orientação a tarefas", "valorização do grupo", "desconfiança nos outros", ficaram mais claras as motivações dos quatro chefes de governo estadunidenses. Assim, as informações nos permitiram supor como são movidos, seja pelos relacionamentos com eleitores, ou por objetivos e causas de seu ofício.

Com base nesses conhecimentos, antes de colocar os textos para análise, formulamos hipóteses para as possíveis implicações dos resultados das análises de traço de liderança. No quarto

capítulo, apresentamos os perfis de liderança dos quatro líderes e as suas características, as diferenças entre eles, assim como contrastamos os achados do LTA com os resultados da análise de conteúdo. Essas análises permitiram chegar a conclusões a respeito do papel dos métodos usados e da política externa de segurança dos EUA.

3. Temas subtemas e contextos

3.1 Análise de conteúdo

Analisar sistematicamente textos com o uso de técnicas qualitativas é algo que se sabe que se fazia já durante o século XVIII, para verificar conteúdos considerados perigosos em mídias. Krippendorff (2004) faz uma extensa análise histórica sobre a utilização do método. O autor identifica que, no século XX, a análise de conteúdo, foi bastante usada para estudar os jornais, para analisar o que continha nesses jornais e os possíveis efeitos negativos que poderiam ter na sociedade, especialmente a partir da produção em massa e veiculação expandida desse tipo de mídia. As técnicas utilizadas nesse momento eram bastante quantitativas, mas se introduziram contribuições das ciências sociais e de várias disciplinas, como a psicologia, que ofereceram dimensões avaliativas para o texto e seus símbolos (Krippendorff, 2004).

Por volta da década de 1930, se mostrou útil a análise sistemática de conteúdo de propagandas, buscando identificar e denunciar possíveis tentativas de influenciar a população com ideologias que eram vistas como problemáticas, como ideias antidemocráticas ultranacionalistas e fanatismos religiosos. Depois, na primeira metade da década de 1940, ainda no contexto da Segunda Guerra Mundial, se procurou mensagens subliminares de inimigos, escondidas nessas propagandas. Com o uso da análise de conteúdo por várias disciplinas, novamente incluiu-se aportes interessantes de psicólogos à técnica, usando-a para inferência de traços de personalidade e motivações no material estudado. Na década de 1950, começou-se a utilizar computadores para análise de conteúdo, uma tendência que só aumentou com o avanço dessa tecnologia e de novos softwares que foram sendo empregados para acelerar, assim como facilitar o processo de manuseio e codificação de textos (Krippendorff, 2004). A análise de conteúdo prosperou muito no atual ambiente mais tecnológico das informações e, graças a isso, pudemos encontrar facilmente e usar um conjunto considerável de dados e deles inferir respostas hipotéticas para nossas perguntas de pesquisa.

As inferências da análise de conteúdo passaram a ser feitas com a ajuda de programas de análise qualitativa e o trabalho começou a envolver os conceitos analíticos advindos inicialmente da psicologia, explorando a interdisciplinaridade da Análise de Política Externa. A estrutura de estudo sugerida por Krippendorff (2004, p. 29 e 30), inspirou a que adotamos neste trabalho. Krippendorff sugeriu que se iniciasse com um corpo de texto relevante para o contexto do tipo de informações

que se pretende obter. A ideia é responder a uma pergunta de pesquisa a qual deve ser possível encontrar respostas e corroborar os resultados com base em evidências empíricas. As possíveis respostas devem ser abduktivamente inferidas, ou seja, é necessário desenvolver hipóteses com base nos conhecimentos do pesquisador a respeito do tema e sua percepção sobre uma rede de variáveis contextuais, realizando afirmações coerentes com o seu embasamento teórico e necessariamente empírico. Para isso, segundo o autor, se utiliza de construtos analíticos que ajudam a selecionar, organizar os textos e a informação que se encontra relacionada a eles, para promover uma correlação estável entre os textos e os elementos extratextuais, que são o conteúdo de fato analisado.

Krippendorff (2004), considera que os significados extraídos dos conteúdos são intimamente associados as pessoas que o produzem, as que o consomem e as que os recebem. Portanto concordamos com ele, quando defende que o conteúdo não é inerente aos textos. Desse modo, o que é analisado de fato com a análise de conteúdo, é extratextual e, para isso, uma grande rede de fatores é considerada. Este é o contexto de onde vem a relação entre hipóteses do pesquisador e os textos analisados, que podem ser selecionados e compatibilizados através de um construto analítico, conforme as necessidades da pesquisa e a sua área de estudos (KRIPPENDORFF, 2004, p. 29 a 34).

O construto ajuda a organizar as informações relevantes, a retirar e tratar os dados do contexto, úteis para inferir as respostas hipotéticas adequadas para nossas perguntas de pesquisa, além de criar uma correlação mais forte entre as informações e as respostas. Como mostramos, neste trabalho foi escolhido um conjunto de palavras que consideramos denotativamente ou conotativamente associadas à temática de segurança nacional. Segundo Krippendorff (2004, p. 35), para que o contexto seja operacionalizado, um construto analítico deve ser derivado dele. Este construto deve ser composto de um conjunto de cláusulas com o formato "se" algo é observado, "então" alcançamos uma conclusão (Krippendorff, 2004, p. 35). Esse formato permite a construção de hipóteses com uma conexão lógica verificável entre o texto e as inferências. Essas cláusulas ajudam a "domar" as hipóteses, mantê-las sempre com a lógica exposta para a análise. Elas levam o pesquisador a ter que justificar cada passo analítico (Krippendorff, 2004, p.172).

Uma maneira de explicar como as cláusulas funcionam é explicitar que, através dos construtos, se um determinado conjunto de elementos aparece no texto, um conjunto de inferências especificamente conectadas ao contexto estudado, podem ser realizados.

Para a verificação mencionada acima, é necessário encontrar no contexto algumas condições favoráveis ao argumento que forma as hipóteses. Para isso algumas fontes de certeza foram destacadas por Krippendorff (2004, p. 173) e explicadas com mais detalhes abaixo:

- Histórico de falhas e acertos anteriores para confirmar a relação entre inferências e os conteúdos;
- A ajuda de informações produzidas por especialistas no contexto, para se fazer o construto;
- O uso de teorias já desenvolvidas a respeito do contexto;
- A incorporação de práticas interpretativas de outras pessoas sobre o contexto, usando exemplos do que elas dizem sobre o assunto.

O histórico de falhas e acertos anteriores é útil quando se encontra casos anteriores nos quais se verificaram uma relação entre certos elementos do corpo textual e fenômenos extratextuais específicos de maneira estatisticamente relevante. Em casos com textos e contextos parecidos poder-se-ia inferir os mesmos fenômenos que em outras ocasiões foram encontrados quando esses elementos apareciam (Krippendorff, 2004, p. 174).

Um exemplo dado pelo autor sobre o uso desse tipo de fonte de certeza é o da análise de conteúdo de cartas de suicídio e outras cartas fabricadas para parecer ter sido escritas por alguém antes de suicidar-se. Nesse estudo, os pesquisadores sabiam inicialmente quem eram as pessoas que escreveram os textos e conseguiram identificar diferenças entre assuntos abordados pelos suicidas e pelas pessoas que fabricaram as cartas falsas. Depois disso, analisaram cartas para as quais que não havia informação de autoria e, através de um construto analítico baseado nos resultados da primeira análise, conseguiram inferir corretamente a maioria das cartas de suicídio verdadeiras e quais eram as falsas (Krippendorff, 2004, p. 174).

No entanto, as chances de se encontrar esse tipo de histórico são limitadas para diferentes tipos de estudos, e, nesses casos, o uso das informações produzidas por especialistas pode ser útil para fazer os construtos. Isso porque estas pessoas têm grande familiaridade com os contextos. Portanto, os especialistas podem identificar mais facilmente os elementos do contexto a partir dos quais se pode fazer inferências úteis e construir respostas hipotéticas para perguntas de pesquisa (Krippendorff, 2004, p. 175).

Krippendorff (2004, p. 175-176) exemplifica a utilização de informações de especialistas com um estudo que buscou descobrir quais os prováveis candidatos a suceder o governo de Joseph Stalin (1922-1953) na URSS, já que o processo de sucessão não era predefinido politicamente. Especialistas em Ciência Política fizeram uma análise de conteúdo utilizando pronunciamentos de políticos de cargos relevantes no país. Assim, notaram que havia uma diferença entre a maneira que alguns pronunciantes se referiam ao chefe de Estado em cada momento. Algumas pessoas se referiam a Stalin por substantivos de conotação muito positiva - que foi identificado como adulação pelos cientistas políticos - enquanto outros usavam palavras neutras e mais voltadas para o aspecto

profissional da atuação de Stalin. A partir das análises inferiu-se que o segundo grupo não utilizava termos de adulação porque já tinham maior proximidade a Stalin do que o primeiro grupo e, portanto, eram as pessoas com maiores chances de disputar a sucessão do governo entre si. O primeiro grupo seria composto de pessoas com chances de se opor à continuidade do stalinismo após a morte do Secretário Geral (Krippendorff, 2004. P. 176).

O uso de teorias desenvolvidas a respeito do contexto é usado como fonte de certeza quando um contexto, ou alguns de seus elementos, já foram bastante estudados anteriormente e as teorias criadas estabelecem as cláusulas "se"- "então" necessárias para construir as hipóteses da análise de conteúdo. Essas generalizações já feitas a respeito do conteúdo analisado, são adaptadas a pesquisa específica como os seus construtos analíticos. É possível utilizar teorias de várias áreas do conhecimento que falem sobre assuntos específicos ou gerais, que permitam uma conexão entre conteúdo e as respostas a serem inferidas. Isso pode ser feito inclusive através de estudos da Sociologia, Linguística e Psicologia, por exemplo, com dicionários de conceitos que indicam significados correspondentes e que podem ser úteis para responder às perguntas de pesquisa (Krippendorff, 2004; p. 177).

Isso foi exemplificado com uma análise de conteúdo que buscava descobrir o que levava um grupo de pessoas a escolher um determinado jornal. Os pesquisadores usaram uma teoria para identificar pares de conceitos ("objetos de atitude"). Nesta pesquisa, foi atribuído um valor a cada conceito (positivo, como o "bem", ou negativo, como o "mal") que poderiam estar associados ou dissociados um do outro. A partir desses elementos, foi possível estudar a estrutura conceitual e valorativa dos jornais e classificá-los a partir do equilíbrio alcançado entre os pares de conceitos. Pressupunha-se, na teoria, que o público tenderia a preferir jornais com predominância de pares de conceitos com o mesmo valor associados (como: o bem é bom) e pares de conceitos de valores diferentes dissociados entre si (por exemplo: o bem não é mal). Dessa maneira, o público tenderia a preferir o jornal que apresentasse uma estrutura com mais equilíbrio, enquanto tenderia a rejeitar os jornais com menos equilíbrio, e foi assim inferir quais jornais seriam mais aceitos em detrimento de outros (Krippendorff, 2004; p. 177 e 178).

Já a incorporação de práticas interpretativas de outras pessoas a respeito do contexto, acontece frequentemente, segundo Krippendorf (2004:179), mas não é adequada para a análise de conteúdo. Essa situação ocorre quando se utiliza interpretações de determinadas pessoas reconhecidas como qualificadas para o estudo, pressupondo que a análise delas já contém os construtos analíticos necessários. Em análises que utilizam essas fontes de certeza, a justificativa de cada passo analítico não se torna explícita para a inferência das respostas. Esse pressuposto implica que as respostas poderiam ser aprendidas por qualquer pessoa com boa capacidade interpretativa e,

portanto, não seriam inferidas a partir da análise. Um problema identificado pelo autor é que as perguntas de pesquisa de uma análise de conteúdo não poderiam ser respondidas dessa maneira, pois elas diriam respeito a elementos que não são acessíveis no momento e, por isso, uma inferência abdutiva seria indispensável.

Krippendorff (2004) argumenta que é importante uma exposição sincera do contexto e do construto usado pelos pesquisadores para operacionalizá-lo, porque os construtos, as conclusões aduzidas deles, assim como o tipo de conteúdo que é analisado com a ajuda dos corpos textuais não são os mesmos de outros estudiosos que utilizam os mesmos textos em suas análises. Somente dessa maneira os estudos podem ser mais facilmente replicáveis e abertos ao escrutínio da comunidade acadêmica. É necessário expor esses elementos para que se torne mais compreensível para os leitores o objeto do estudo e dissipar a ilusão de que a explicação e o conteúdo apresentados seriam os únicos possíveis ou corretos a partir da análise de um determinado grupo de textos (KRIPPENDORF, 2004, p.22-25). Concordamos com essa argumentação, pois a exposição contextual torna mais evidente o que estamos considerando dentre os variados elementos extratextuais possíveis, como ações de política externa concretas e eventos históricos que reconhecidamente afetam profundamente os sentimentos das pessoas dos EUA.

Segundo Krippendorff (2004; p. 179-180), diferentes opções de tipos de construto analíticos podem ser utilizadas, como:

- A extrapolação a partir do pressuposto da existência de um sistema com regras de funcionamento, que engloba o contexto e dentro do qual é possível realizar as inferências e procurar evidências favoráveis às hipóteses;
- A comparação com padrões pré definidos, partindo das diferenças e semelhanças para fazer as inferências;
- A inferência de hipóteses por meio de um diagnóstico de sintomas, ou seja, variáveis que são mostradas como um indicativo de algum fenômeno não acessível no momento, desde que esses sintomas não sejam compatíveis com outros fenômenos;
- O construto como a representação linguística do contexto, que envolve uma boa exposição conceitual desse, análise da estrutura do texto e a extração de significados dos quais, então se faz inferências;
- A análise de conversações, nas quais as inferências são feitas a partir do que é comunicado de uma parte para outra e suas respostas;
- Processos institucionais, que são construtos padronizados utilizados por instituições para a análise de um determinado tipo de contexto.

Para o funcionamento do construto é necessário identificar e lidar com incertezas, segundo Krippendorff (2004; p. 185-186), que podem ter origem na variação e na complexidade do alvo

analítico; na existência de razões para não confiar em seus resultados; e na inadequação dele ao contexto. No primeiro caso, se trata de quando o pesquisador não tem o conhecimento (ou capacidade de adquiri-lo considerando os limites das informações que tem acesso) ou a imaginação para criar um construto que ajude a fazer inferências que se aproximam do alvo analítico por causa da complexidade deste. No caso de construtos baseados em teorias que são simplificações da realidade existe a possibilidade que eles carreguem problemas derivados dessa simplificação, ou contenham entendimentos estereotipados da realidade que não englobam as suas variações. Os construtos que não são adequados à realidade do contexto são um problema comum para o autor, quando são baseados em pressupostos que não foram testados devidamente para o mesmo tipo ou para a mesma quantidade de dados da análise de conteúdo em questão. A possibilidade desses problemas acontecerem deve ser admitida pelo analista na apresentação de sua pesquisa. Para prevenir a desconfiança na precisão do construto, pode ser conveniente apresentar bons argumentos e provas que favoreçam as conclusões a que se chegou com a análise, comentando os argumentos contrários e seu impacto diminuído além de indicar outras visões teóricas que chegaram ao mesmo resultado (Krippendorff; p. 185 e 186).

Com a análise de conteúdo é possível inferir as motivações dos locutores de discursos falados, sendo questões de segurança nacional o que buscamos analisar. Através do método, segundo Krippendorff (2004, p. 23), pode-se tornar evidentes informações a respeito de fenômenos antes não explícitos: como causas escondidas para ações, construções mentais dos locutores, experiências passadas ou futuras que podem estar na mente de quem proferiu o discurso. Estas poderiam ser, no nosso entendimento, preocupações com ameaças à segurança nacional, por exemplo. E Krippendorff (2004; p. 23), destaca que "(...) análise de conteúdo deve olhar fora da fisicalidade dos textos — por exemplo, como as pessoas, além dos analistas, usam os textos, o que os textos dizem para elas, os contextos e ações que os textos encorajam". Concordamos com isso, pois acreditamos que é relevante estudar os impactos dos discursos nas populações e públicos que os recebem.

Os contextos escolhidos para este trabalho são o que diz respeito a segurança nacional, nos sistemas internacionais que se inserem os EUA nos quatro enquadramentos históricos que coincidem com os períodos em que governaram os presidentes J. F. Kennedy (1961 a 1963), G. W. H. Bush (1989 a 1994), G. W. Bush (2000 a 2009) e D. Trump (2017 a 2021). Já existem estudos que permitem entender as percepções de ameaça de segurança internacional em diferentes momentos da história, das quais usaremos o aporte da teoria neorrealista e da teoria crítica. Com as suposições que essas teorias oferecem sobre as prioridades de segurança do Estado-nação, dependendo do ambiente internacional, derivamos um construto analítico, com o qual identificamos

algumas palavras com esses assuntos. Então usamos o construto a fim de compreender o que a frequência de palavras nos discursos de cada presidente pode significar para o que eles acreditam ser as ameaças de segurança.

Para Waltz (1998, p. 619), o conflito e a competição têm origem na natureza anárquica do sistema internacional. Essa anarquia, ou seja, a ausência de uma autoridade superior aos Estados-nação que os responsabilize por suas ações, faz com que os Estados sejam os únicos que poderiam garantir sua própria sobrevivência. Por isso, o sistema internacional que envolve os Estados e suas relações é chamado de um sistema de autoajuda (WALTZ, 1988, p. 624). Como todo Estado procura pelo menos sobreviver, cada um provê os meios para sua defesa (WALTZ, 1988, p. 618). A defesa é feita por meio de alianças e também com equipamentos que podem ser usados para realizar ataques de natureza punitiva, dissuasória, ou ofensiva, representando as capacidades de exercer força e poder. Isso leva a situação de suspeitas e desconfiança entre os Estados. Quando um Estado adquire mais equipamentos militares e busca alianças mais fortes com quem tem interesses convergentes, os outros fazem o mesmo para não ter sua força superada por quem se suspeita ter interesses de segurança conflitantes, o que define o equilíbrio de poder.

A teoria neorrealista considera que a anarquia e o sistema de autoajuda têm efeitos diferentes dependendo do número de Estados poderosos (que possuem grandes capacidades de poder), que se encontram nele e formam a estrutura do sistema internacional. Waltz (1988) descreve que a estrutura do sistema internacional pode ser multipolar (que possui vários Estados poderosos) ou bipolar (que possui duas grandes potências, como ocorreu durante o período da Guerra Fria) e a presença de armas nucleares também tem implicações sistêmicas. No primeiro caso, a força dos Estados mais poderosos não é muito discrepante entre si, o que torna a escolha das alianças certas, e sua manutenção, muito importante para a sobrevivência dos Estados. Waltz argumenta que guerras seriam frequentes nesta configuração do sistema internacional, por conta da grande quantidade de ameaças que as forças dos outros Estados representam, gerando um maior número de tensões entre eles e podendo causar erros de cálculo que levam ao conflito aberto. Num sistema bipolar como o da Guerra Fria (1947 a 1989), a probabilidade de escalada para um conflito entre as duas grandes potências é muito menor, segundo Waltz (1988). O motivo é que, nesta situação, há apenas uma única força capaz de desafiar a outra, restringindo as origens de desconfianças no sistema internacional. O equilíbrio de poder leva a uma competição entre elas e as questões de segurança de cada uma estão sempre relacionadas a sua contraparte. Nesta situação, a possibilidade de erro de cálculo por pressupor que a formação de uma aliança significa pretensão de ataque é improvável e as alianças não são tão importantes, já que as forças das duas grandes potências são muito

discrepantes com a força de todos os outros Estados. Portanto, elas não precisam seguir suas alianças nas guerras, pois podem facilmente pagar o preço de perder esses aliados (WALTZ, 1988).

Além disso, os dois Estados poderosos na Guerra Fria: os EUA e a URSS, tinham capacidades de poder tão grandes que os custos de uma possível guerra seriam muito altos para suas sociedades. A presença de armas nucleares em posse de ambas intensifica muito mais essa questão. Como o poder de destruição de suas armas convencionais é muito grande e, principalmente, porque podem atacar cidades inimigas com mísseis nucleares e destruí-las imediatamente, o conflito direto entre os dois países fica mais difícil de acontecer (WALTZ, 1988, p. 625-626). De acordo com Waltz (1988, p. 626), os cálculos dos Estados baseados nesses riscos envolvem a necessidade de evitar os conflitos, pois seu preço seria alto demais.

A partir dessas afirmações teóricas, também pudemos supor quais mudanças poderíamos encontrar nas questões de segurança a cada momento e fortalecer as nossas próprias inferências a respeito do conteúdo que analisamos. Identificamos as ameaças de segurança por meio da análise de conteúdo, em atores (países tratados como hostis, ou os próprios EUA, ou seus valores, como ameaçados por exemplo), em ações destes (como um ataque aos Estados Unidos) e em propostas de soluções (resultados esperados para as ações de segurança). Neste trabalho focamos nas duas primeiras dessas três opções, por serem mais fáceis de encontrar, com palavras repetidas codificadas em discursos analisados de todos quatro presidentes estudados.

Então o que entendemos por meio da análise de conteúdo, como sendo o que cada líder considera as suas maiores ameaças de segurança, são analisadas dentro dos quadros de possibilidades e do que se esperaria por meio do neorrealismo que o foco da segurança seja, aquilo sendo um risco para a sobrevivência do país. Desta maneira estabelecemos o vínculo entre o conteúdo e o texto e detalhamos o processo da análise a seguir.

3.2 Ameaças de segurança nacional mais frequentes nos discursos analisados

Nesta seção, apresenta-se os principais achados a partir da Análise de Conteúdo dos discursos presidenciais selecionados. O material usado para análise composto pelos 147 discursos dos presidentes tem ao todo 577.100 palavras, das quais:

- 159.548 são de J. F. Kennedy, distribuídas por 45 discursos, entre 1960 e 1963, que inclui, pronunciamentos oficiais na Casa Branca, no Congresso, em várias universidades e instituições dos EUA, como a Associação de Editores de Jornais, assim como pronunciamentos fora do país, por exemplo, em Berlim Ocidental;

- 98.826 são de G. H. W. Bush, de 23 discursos realizados entre 1988 e 1993 em locais como universidades, a Casa Branca, o Congresso, o Kremlin (na URSS) e na Assembleia Geral da ONU.
- O período de governo de G. W. Bush (2001-2009) foi analisado a partir de 39 discursos, cuja a soma total de palavras é de 107.539. Esses pronunciamentos ocorreram no Congresso dos EUA, na Casa Branca, na Assembleia geral da ONU, em vários estados estadunidenses e em instituições como o *National Endowment for Democracy*.
- Já as 40 ocasiões de fala de D. Trump durante o período de 2017 a 2021, contêm juntas 211.187 palavras, que foram pronunciadas na Casa Branca, no Congresso, na Assembleia Geral da ONU, em vários estados estadunidenses e em instituições como a Suprema Corte dos EUA.

O Gráfico 1 abaixo mostra o total de palavras que cada presidente proferiu nos discursos analisados. Os Gráficos 2 a 5 no Apêndice mostram a distribuição de discursos por ano para cada um dos presidentes.

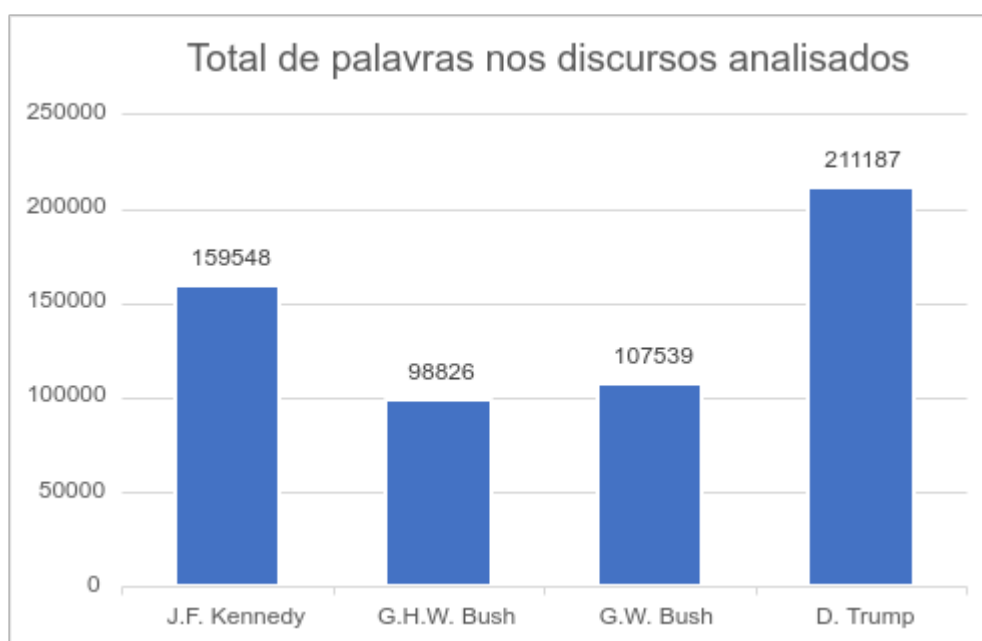


GRÁFICO 1 – Total de palavras nos discursos analisados por presidente

Fonte: Elaboração própria

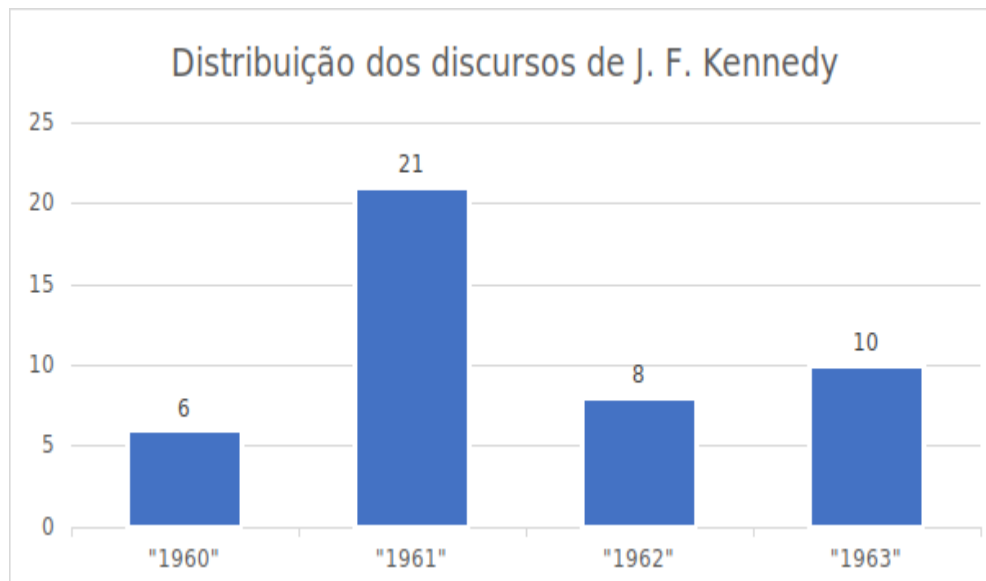


Gráfico 2 – Distribuição dos discursos analisados de J. F. Kennedy por ano

Fonte: Elaboração própria

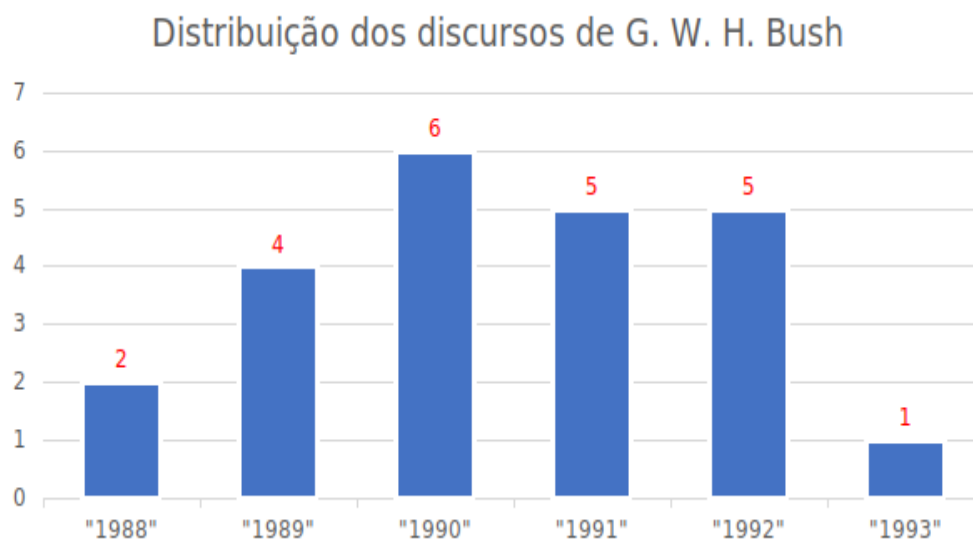


Gráfico 3 – Distribuição dos discursos analisados de G. H. W. Bush por ano

Fonte: Elaboração própria



Gráfico 4 – Distribuição dos discursos analisados de G. W. Bush por ano

Fonte: Elaboração própria

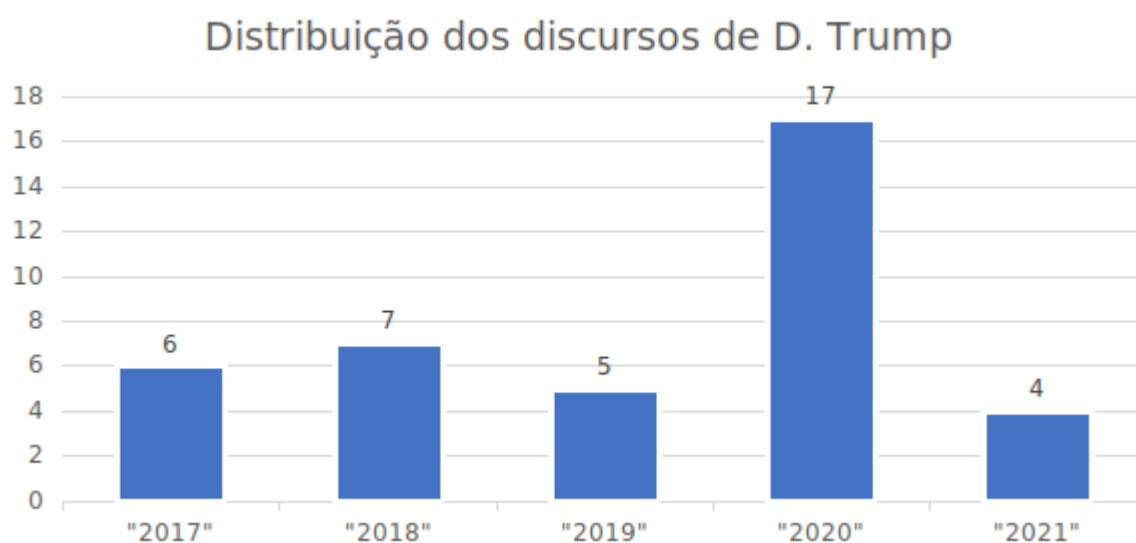


Gráfico 5 – Distribuição dos discursos analisados de D. Trump por ano

Fonte: Elaboração própria

Como mencionado anteriormente, utilizamos o aplicativo de análise de dados qualitativos Nvivo, que facilitou a codificação, assim como a construção de matrizes para comparação e análise. O Nvivo permite classificar os diferentes arquivos de texto, o que foi feito de acordo com o presidente (uma classificação para os arquivos de texto contendo o material de fala de cada presidente). O primeiro passo foi realizar a autocodificação dos 147 textos, usando uma função de inteligência artificial do aplicativo, que identificou temas em cada frase dos discursos. O programa

realiza a autocodificação com base em algumas palavras que se repetem em cada frase, como "força", "guerra", incluindo as variações como a forma plural das palavras (como "forças") e as variações que formam subtemas de acordo com as combinações presentes, por exemplo "forças armadas" e "guerra nuclear". Para explorar esses dados, construímos duas tabelas com o eixo vertical contendo os temas, ou subtemas e o eixo horizontal com a frequência dos temas divididos por presidente: J. F. Kennedy, G. H. W. Bush, G. W. Bush e D. Trump.

TABELA 1
Principais subtemas de segurança obtidos através da autocodificação (10 mais frequentes)

Principais temas de segurança (autocodificação)	de Kennedy	G. H. W. Bush	G. W. Bush	Trump	Total geral
Forças militares	1,44% (4)	4,55% (6)	1,72% (3)	0% (0)	1,82% (13)
Ordem mundial	0,36% (1)	6,82% (9)	1,15% (2)	0% (0)	1,68% (12)
Guerra nuclear	2,88% (8)	3,03% (4)	0% (0)	0% (0)	1,68% (12)
Guerra Fria	1,80% (5)	3,03% (4)	0% (0)	0% (0)	1,26% (12)
Sistema de imigração	0% (0)	0% (0)	2,30% (4)	3,10% (4)	1,12% (8)
Grande poder	2,16% (6)	0% (0)	1,15% (2)	0% (0)	1,12% (8)
Forças americanas	0,36% (1)	1,52% (2)	1,15% (2)	1,55% (7)	0,98% (7)
Comandantes militares	0,72% (2)	1,52% (2)	1,72% (3)	0% (0)	0,98% (7)
Paz mundial	1,80% (5)	1,52% (2)	0% (0)	0% (0)	0,98% (7)
Segurança de fronteiras	0% (0)	0% (0)	1,15% (2)	3,10% (4)	0,84% (6)
Total por presidente	100% (278)	100% (132)	100% (174)	100% (129)	100% (713) (total geral)

Fonte: Elaboração própria

Com base nos resultados do auto codificação, selecionamos e identificamos grupos de códigos com os quatro contextos estudados nesta análise de conteúdo (o sistema internacional e as suas questões de segurança predominantes nos períodos dos discursos dos presidentes mencionados

acima), para as verificações que buscamos com nossos objetivos. Dessa maneira conseguimos encontrar quais as frequências que referências a esses contextos aparecem no conjunto das falas de cada presidente. Realizamos uma verificação para garantir que as palavras que compõem esses códigos se referem a assuntos que entendemos como relacionados aos contextos, fazendo buscas por essas palavras no aplicativo. Assim foi possível ver quais as frases em que as palavras foram mencionadas, assim como fragmentos de frases repetidamente conectadas a elas. Consideramos apenas as palavras que aparecem predominantemente em trechos que entendemos que denotavam algo referente a segurança nacional. Isso foi importante especialmente para códigos que não fazem isso de maneira mais evidente ("segurança nacional", por exemplo, não deixa dúvidas que sempre é relevante para o tema de segurança nacional, mas outros termos, como "força", podem se referir a outros temas). Essa verificação também permitiu ver quais assuntos estão mais frequentemente conectados.

Além disso, uma busca de frequência de palavras foi feita por presidente, para que os temas mais frequentes de cada um deles fossem identificados. Utilizamos um filtro que permitiu selecionar apenas palavras com pelo menos 3 letras de extensão (descartando palavras como "eu") e que permite agrupar palavras derivadas (como plurais e palavras com o mesmo radical, por exemplo: terror, terrorismo, terrorista, terroristas). Isso resultou nas Tabelas 3, que usamos em nossa análise. Extraímos a palavra que aparece predominantemente em trechos que denotam algo referente a segurança nacional, independentemente de contextos específicos, com menções mais frequentemente nos conjuntos de falas de cada presidente. Então, procuramos o discurso de cada presidente que mais continha essa palavra, pois, dessa maneira, sabíamos que se tratava de um arquivo com muitas referências à segurança nacional. Verificamos os trechos em que apareciam essas palavras e notamos que estavam muitas vezes conectadas a contextos mais específicos de cada período (comunismo, imigração ilegal e terrorismo, por exemplo).

Os quatro discursos selecionados com base nesse critério foram:

- A mensagem de J. F. Kennedy, do dia 25 de julho de 1961 da Casa Branca, sobre a Crise de Berlim de 1961 e cuja palavra "paz" e suas derivadas aparecem 21 vezes.
- O discurso de G. H. W. Bush em uma Sessão Conjunta do Congresso estadunidense que se deu em 6 de março de 1991, sobre o fim da Guerra do Golfo, na qual se verifica a palavra "guerra" e suas derivadas 28 vezes.
- O discurso do Estado da União de G. W. Bush que aconteceu no dia 29 de janeiro de 2002 com 36 referências à palavra "terrorista" e suas derivadas.
- Discurso de D. Trump da Casa Branca do dia 15 de fevereiro de 2019, com 25 menções à palavra "militar" e derivadas.

Codificamos, dentro do aplicativo, trechos desses quatro discursos, contendo referências a ameaças à segurança nacional. Isso foi feito da seguinte maneira:

- O código "ação ou acontecimentos" (que se referem a ações ou acontecimentos relacionados à segurança nacional) foi aplicado quando havia uma das palavras conectadas a ameaças à segurança nacional (como "ataque");
- Um código secundário denominada "questão" foi utilizado para indicar as palavras que se referem ao agente ou ao contexto da ameaça ("ataque terrorista");
- As palavras que se referiam a elementos contextuais específicos, foram colocadas em sub-códigos com os seguintes marcadores: "comunismo", "fronteira", "Oriente Médio", e "terrorismo".

Estes subcódigos são conectados aos elementos contextuais que os nomeiam. As palavras que foram codificadas dentro deles, estão expostas na Tabela 2.

TABELA 2

Palavras codificadas como “Ameaça Nuclear”, “Comunismo”, “Fronteira”, “Oriente Médio”, “Terrorismo” e “URSS”

Código	Palavras codificadas
Ameaça Nuclear	“explosão nuclear”, “ação nuclear”, “guerra nuclear”, “armas nucleares” e “armas de destruição em massa”.
Comunismo	“comunismo”, “comunistas”, “comunista” e “Cortina de ferro”.
Fronteira	“muros”, “muro”, “barreira”, “estrangeiro ilegal”, “imigração ilegal” “agentes de fronteira” e “fronteira do sul”.
Oriente Médio	“Kuwait”, “afegão”, “afegãos”, “Iraque”, “Saddam”, “palestinos”, “Israelitas”, “Operação <i>Desert Storm</i> ”, “Oriente Médio”, “Golfo Pérsico”, “Israel”, “Península Arábica”, “Afeganistão”, “afegão”, “Irã”, “iraniano” e “Síria”.
Terrorismo	“11 de setembro”, “Al Qaeda”, “bioterrorismo”, “Hamás”, “Hezbollah”, “Jaish-e-Mohammed”, “Jihad Islâmico”, “terror”, “terrorista” e “terroristas”.
URSS	“soviéticos”, “russos”, “Khrushchev”, “URSS”, “Soviética”, “alemanha oriental” e “alemão oriental”.

Fonte: Elaboração própria

Esses códigos foram utilizados em uma nova codificação automática e aplicada a todos os outros textos. Com esse processo, o Nvivo codificou trechos parecidos da mesma maneira. Com as

informações coletadas dessa codificação foi possível criar uma matriz que mostra quantas menções cada um desses códigos tem nos discursos de cada presidente que é apresentado na tabela 3.

TABELA 3
Frequência dos temas de segurança “Ameaça Nuclear”, “Comunismo”, “Fronteira”,
“Oriente Médio”, “Terrorismo” e “URSS”

Código	Kennedy	G. H. W. Bush	G. W. Bush	Trump	Total
Ameaça nuclear	1,45% (41)	0,95% (27)	0,56% (16)	0,81% (23)	3,78% (107)
Comunismo	8,58% (243)	2,47% (70)	2,47% (70)	3,39% (96)	16,92% (479)
Fronteira	3,60% (103)	3,21% (91)	6,22% (176)	11,33% (321)	24,41% (691)
Oriente Médio	1,24% (35)	2,72% (77)	6,60% (187)	1,02% (29)	11,59% (328)
Terrorismo	1,98% (56)	2,79% (79)	13,5% (382)	3,67% (104)	21,93% (621)
URSS	8,05% (228)	7,38% (209)	3,25% (92)	2,68% (76)	21,37% (605)
					100% (2831)

Fonte: Elaboração própria

Nos resultados da autocodificação (A Tabela 1 apresenta os dez subtemas mais frequentes), os três códigos mais frequentes em ordem decrescente de Kennedy foram "guerra nuclear", "grandes poder" e "Guerra Fria". Os de G. H. W. Bush foram: "ordem mundial", "forças militares" e " guerra nuclear". Para G. W. Bush, os três mais frequentes foram: "Forças do Iraque", "Forças de segurança do Iraque" e "segurança da pátria". E para Trump foram: "sistema de imigração", "segurança de fronteira" e "base militar". Já na segunda codificação (Tabela 3) verificamos que Kennedy é o presidente que mais fala sobre “Ameaça Nuclear”, ”Comunismo” e “URSS”. G. H. W. Bush também fala frequentemente sobre “Ameaça Nuclear” e “URSS”, mas já se percebe um aumento importante da frequência dos temas “Oriente Médio” e “Terrorismo” e uma diminuição relativa do tema “Comunismo”. Nos discursos de G. W. Bush os temas "Terrorismo" e "Oriente Médio". Já Trump é o presidente que mais fala sobre "Fronteira", com uma importante frequência de menções ao tema e "Terrorismo".

Os códigos mais frequentes mencionados por Kennedy e G. H. W. Bush, que destacamos no parágrafo acima, estão associados com o que a teoria neorrealista de Waltz sugere com relação às questões de segurança mais importantes para os EUA no momento da guerra fria (1947 a 1989). Este contexto é definido por uma estrutura do sistema internacional com duas grandes potências, das quais uma é os EUA e a outra é a URSS e pela posse de armas nucleares por ambas (EUA desenvolveu armas nucleares em 1945 e a URSS, em 1949). Como destacamos anteriormente, a partir da teoria neorrealista podemos entender que essas potências teriam tido as suas questões de segurança mais relevantes direcionadas uma à outra e que a situação de risco de destruição mútua por armas nucleares, que ambas possuíam, também seja um assunto importante para elas. Então a frequência predominante de referências aos temas "guerra nuclear" e "grande poder" e "Guerra Fria", no caso de Kennedy, e "guerra nuclear" dele e de G. H. W. Bush, aponta para a existência de um foco de preocupação com a ameaças referentes à Guerra Fria, durante o governo desses presidentes. O mesmo foi apontado pela maior quantidade de menções de palavras dentro dos códigos "Comunismo" e "URSS" nos discursos de Kennedy e "URSS" e "Ameaça nuclear", nos de G. W. H. Bush. Durante o governo de G. W. H. Bush, a URSS estava deixando de existir e, portanto, o quadro de possibilidades tornava o risco de uma guerra nuclear menos evidente, também pela dissipação das tensões ideológicas entre o mundo capitalista e o mundo socialista, com o fim da Guerra Fria, em 1989. Inferimos a partir da quantidade muito menor de frequência do código "Comunismo" e maior frequência do código "Fronteira", uma redução no enfoque na ameaça do poder ideológico do comunismo no governo de G. W. H. Bush, em comparação com o de Kennedy. Inclusive, "Comunismo", foi o código com mais menções no caso de J. F. Kennedy, apontando para a predominância dessa ameaça. A questão do Comunismo era uma disputa ideológica e a eventual vitória sobre a URSS significa o fim dessa ameaça, como parece ser notado por G. H. W. Bush.

O tema mais frequente nos discursos de G. H. W. Bush na autocodificação, "ordem mundial", pode ser um indício de uma mudança nas nos focos das ameaças ameaça com uma reorganização do sistema internacional em uma nova ordem mundial. Além disso, na segunda codificação, percebemos como Terrorismo aumenta em frequência, que não era tão relevante para Kennedy, indicando um novo foco para as questões de segurança. Percebe-se que as informações coletadas sustentam a hipótese a favor da mudança das ameaças de segurança no período dos governos desses dois presidentes.

Os grupos de palavras que compõem o primeiro e o segundo código mais frequente, que foram marcados em discursos de G. W. Bush na primeira codificação, contêm a palavra Iraque. A partir disso, podemos inferir que o assunto de segurança em torno da Guerra do Iraque, de 2003, acabou sendo um assunto importante visto que era a principal relação de seu governo com este país.

Conclusões parecidas podem ser inferidas a partir do que apresentamos na Tabela 2 na qual "Terrorismo" e "Oriente Médio", são muito mencionados por G. W. Bush, indicando um foco de ameaça cuja origem é no Oriente Médio como o ataque de 11 de setembro de 2001 por terroristas provenientes daquela sub-região e a Guerra do Iraque de 2003. A menor quantidade menções a questões como "Guerra Fria" e "guerra nuclear" permite inferir que o quadro que o presidente encontrava, representava uma menor possibilidade de uma guerra nuclear, pois não havia mais as tensões ideológicas características da Guerra Fria. Como se vê na Tabela 2, menções menos frequentes a "ameaça nuclear" e "URSS" indicam que G. W. Bush não tem mais os mesmos focos de ameaça que Kennedy e G. W. H. Bush. Portanto, os resultados favorecem a nossa hipótese de que mudanças no cenário internacional alteraram as questões de segurança mais importantes para esses presidentes e influenciaram seus discursos.

A autocodificação indicou que, nos discursos de Trump, os subtemas que mais tiveram menções foram "Sistema de imigração" e "Segurança de fronteira" (Tabela 1), que relacionamos com o contexto de que a ameaça presente nos discursos proferidos por Trump era referente à imigração. Entendemos como um sintoma de que para Trump os imigrantes eram uma ameaça à sobrevivência de seu país, pois a segurança de fronteira e o sistema de imigração se referem ao controle da entrada de pessoas em seu território. Podemos nos referir a momentos históricos que exemplificam a ação de Trump no sentido de restringir a imigração. Um desses momentos foi a tentativa de convencer o Congresso a aprovar orçamento para a construção de um muro na fronteira dos EUA com o México, através da qual há uma intensa circulação de pessoas. Com a negação da parte do Congresso, Trump declarou Estado de Emergência na Fronteira Sul, em 2019, para permitir redirecionar fundos federais para a construção do muro. Durante a administração de Trump, os EUA também empreenderam esforços diplomáticos para pressionar o governo mexicano para pagar pela construção do muro na fronteira entre os dois países (RASCOE, 2017). Isso indica que um foco de ameaça nessa questão da imigração. Na segunda codificação (Tabela 3) notamos que o tema que mais é mencionado por Trump é "Fronteira", reunindo 11,33% das referências aos códigos selecionados. Interpretamos isso como mais um indicativo de que o controle de imigração é assunto muito importante para a segurança segundo Trump.

O código "Fronteira" também aparece com frequência relevante nos discursos de G. H. W. Bush, mas, neste caso, é um indicativo de ameaça relacionadas à Guerra Fria, com referências ao muro de Berlim. Essa informação é possível notar pelas frases em que o código aparece e pode ser entendido como um símbolo para a disputa ideológica entre EUA e URSS, assim como um foco de tensões geopolíticas. Como mencionado anteriormente, essas tensões estavam se dissipando durante o governo de G. H. W. Bush e o muro começa a ser derrubado em novembro de 1989. A ação do

governo de G. H. W. Bush nesse caso foi a de manter um comportamento discreto para evitar criar uma situação que humilhasse Mikhail Gorbachev, presidente da URSS entre 1988 e 1991, enquanto os locais antes dominados pela URSS, como Berlim Oriental, saíam de sua esfera de influência. G. H. W. Bush evitou também reprimir sem cautela revoltas em países que estavam abandonando o regime soviético, para não arriscar escalar para algo que envolvesse a URSS em novos conflitos (HERRING, 2008, p. 904-906). Em um período posterior, durante o governo de G. W. Bush (2001-2009), "Fronteira" também aparece como uma preocupação em aumentar a segurança da fronteira para evitar a entrada de terroristas, de acordo com o verificado nos trechos codificados.

Já a grande quantidade de menções do tema "Terrorismo" nos discursos de Trump, como mostra a Tabela 2, sugere que há também um foco de ameaça na questão do terrorismo. Isto se verifica resultando em ações como a operação para matar o líder terrorista Abu Bakr al-Baghdadi, em 2019, assim como as conversas diplomáticas e o Acordo firmado com o Talibã, em 2020 (TRUMP'S FOREIGN POLICY MOMENTS, 2021). Essas informações sustentam a nossa hipótese que sugere que os focos principais das questões segurança de Trump na questão da imigração e na questão do terrorismo influenciaram o seu discurso.

3.3 Conclusão do capítulo

A análise de conteúdo que desenvolvemos neste capítulo permitiu o que entendemos como uma exposição das ameaças mais evidentes no governo dos presidentes J. F. Kennedy, G. H. W. Bush, G. W. Bush e D. Trump. As mudanças nas características do sistema internacional e nos quadros de possibilidade ajudaram a compreender como as ameaças e as ações relacionadas a elas se alteraram ao longo do tempo. Podemos sugerir que as ameaças mostradas a partir do estudo sistematizado dos discursos dos presidentes analisados, foram alinhadas com as ações que foram tomadas durante seus governos e com o que esperávamos em nossas hipóteses sobre a maneira como elas influenciam os discursos.

O aporte teórico da teoria neorrealista, permitindo obter explicações sistêmicas para os eventos, e da teoria Crítica das Relações Internacionais, ajudando a usar das mudanças nos quadros de possibilidades em diferentes períodos da história, foram indispensáveis para a operacionalização do contexto estudado. Os indícios que encontramos da presença das ameaças encarados nos governos dos presidentes, mostram como as políticas de segurança dos EUA foram moldadas pelo sistema internacional e pelas decisões de seus líderes, motivadas pelas ameaças identificadas como mais frequentes em seus discursos.

Notamos algumas interessantes mudanças nos focos das ameaças de segurança ao longo do tempo. Entre os governos analisados, verificamos que localização e o tipo da ameaça também mudaram bastante: enquanto durante o governo de Kennedy, o foco era a sobrevivência da sociedade contra uma ameaça nuclear global, de natureza externa; durante o governo de Trump a insegurança não envolvia o extermínio da população estadunidense, mas a entrada não autorizada de pessoas no país e seus possíveis efeitos, danos a soberania e a sobrevivência de seu país tal como é. Várias outras mudanças foram identificadas e estas refletiram em ações concretas dos presidentes. Isso revela que a possibilidade oferecida pela análise de conteúdo de acessar as ameaças de segurança através dos discursos dos líderes, pode ser útil para estudos das Relações Internacionais e Ciência Política, inclusive pode ampliar a possibilidade de trabalhar a política externa de segurança como uma política pública.

4 Leadership Trait Analysis

A Análise de Traços de Liderança (LTA) é um método útil para trazer explicações a respeito das decisões de líderes e como elas estão de alguma maneira associadas as suas personalidades. A LTA; usa sete características que foram formuladas para acessar, à distância, respostas a três questões: se o líder aceita ou desafia as restrições do ambiente; se ele está aberto ou não a informações de outros; e quais são as suas motivações. Estas questões são consideradas especialmente importantes para se formar um perfil de liderança, que diz respeito ao comportamento das pessoas, e como elas se relacionam; com os outros, por exemplo, os líderes de outros países ou seus eleitores (Hermann, 2002, p. 2).

Algumas oportunidades interessantes podem ser trazidas pelo método LTA para acessar traços de personalidade que caracterizam e oferecem suposições sobre o comportamento dos líderes. Isso se relaciona bem com o subcampo de Análise de Política Externa por este se tratar, como foi já mencionado, de decisões realizadas por seres humanos. Considerando esta relação, se faz relevante mencionar algumas dessas suposições e discorrer um pouco sobre a obra “*Assessing Leadership Style: a trait analysis*” de Margaret H. Hermann, publicada inicialmente em 1999. O texto traz uma perspectiva a respeito da possibilidade de avaliar traços de liderança usando o que um líder fala.

A partir de sete traços, Hermann expõe a utilidade da LTA para entender o comportamento de líderes com outras pessoas, em certa medida, como eles tendem a liderar, sem necessidade de realizar de um estudo clínico psicológico. De acordo com os estudos da autora, nota-se que é possível fazer suposições do tipo: se um líder tem uma grande crença na sua capacidade pessoal de influenciar eventos e necessidade de poder, sua liderança tende a desafiar as restrições ao seu redor. Se o oposto acontece, e ambos traços de liderança são baixos, a tendência do líder seria de aceitar essas restrições. Outra consideração é que Hermann aponta para a possibilidade de traços de liderança variarem conforme o tempo, o público alvo, a temática e as situações (Hermann, 2002, p. 1, 11 e 12).

Um exemplo interessante da utilização do LTA é apresentado por Görener e Ucal (2011), trazendo perspectivas a respeito da influência de um líder nos rumos da política externa de um país, e como essa influência se torna mais evidente através da análise de traços de liderança. Através deste método, os autores estudaram o papel da personalidade de Recep Tayyip Erdoğan, na

condução da política externa turca, durante parte de seu mandato como primeiro-ministro, entre 2004 e 2009. Os autores identificaram que características como baixa complexidade conceitual, orientação a tarefas e alta desconfiança nos outros, identificadas nas entrevistas de Erdoğan, ajudaram a explicar a atitude do primeiro ministro turco com relação a Israel. Observando algumas falas de Erdoğan contendo críticas nada diplomáticas a Israel, foi possível concluir que a política do país árabe nessa questão foi visivelmente influenciada pela maneira interpretar a realidade e as preferências de seu líder, que via o mundo através de divisões severas entre certo e errado (GÖRENER e UCAL, 2011, p. 377). Isso é especialmente importante porque pode ter impedido que a Turquia assumisse um papel de intermediário em conversações de paz no Oriente Médio naquele período (GÖRENER e UCAL, 2011, p. 373).

Uma discussão semelhante é apresentada por Dyson (2006), que faz uma análise de traços de liderança de Tony Blair, primeiro ministro do Reino Unido entre 1997 e 2007. A partir da LTA, o autor procura oferecer um melhor entendimento sobre as ações de política externa da Grã-Bretanha referentes à participação do país nos eventos da Guerra do Iraque, que começou em 2003. Parte da literatura identificava a relação especial da Grã-Bretanha com os EUA como uma explicação possível para o envolvimento dos britânicos nesse conflito. No entanto, a análise de Dyson destaca que Blair demonstrava bastante interesse na questão do conflito do Iraque, mesmo antes de George W. Bush efetivar a proposta de intervenção conjunta. Além disso, quando a proposta de intervenção foi apresentada, G. W. Bush deixou aberta a oportunidade de a Grã-Bretanha recusar a participar na intervenção. A análise das falas de Blair permitiu a identificação de um perfil de liderança caracterizado por alta crença na capacidade de influenciar eventos, assim como alta necessidade de poder e baixa complexidade conceitual (DYSON, 2006, p. 294). Destes traços, os dois primeiros ajudam a observar que Blair tendia a desafiar as restrições do ambiente, participar ativamente do processo decisório, e se esforçar em manipular as pessoas para fazer o que ele queria. O último traço, combinado com os outros dois, explicou um pouco mais porque, segundo Dyson, o primeiro ministro britânico se esforçou para conseguir apoio de seus eleitores e obter a aprovação da ONU para a intervenção, e também para observar que Blair caracterizava o regime de Saddam Hussein como sendo composto por pessoas más, injustas e "pessoas que não obedecem às normas convencionais de comportamento humano"(DYSON, 2006, p. 299-301). Então percebe-se, como o autor apontou, que a influência da personalidade do primeiro ministro em seu comportamento político é um fator importante para entender a entrada do Reino Unido na guerra do Iraque em 2003 (DYSON, 2006, p. 303 e 304).

Outro estudo recente que faz uso da LTA é o realizado por Christian Rabini, Klaus Brummer, Katharina Dimmroth e Mischa Hansel (2020). Rabini *et al.* (2020) usam a LTA para

contextualizar distintas dimensões temporais e temáticas e para capturar variações nesses traços a partir de falas de vários chefes de governo, chanceleres e Ministros das Relações Exteriores da Alemanha. Os autores buscaram verificar, por exemplo, o efeito de traumas referentes a experiências durante as guerras nos estilos de liderança e na sensibilidade a temas de segurança dos líderes analisados. A partir de então, os autores apontaram que os líderes que já tinham passado por situações traumáticas em guerras, tendiam a ter uma baixa crença nas suas habilidades de controlar eventos, em comparação com outros que não tiveram esse tipo de experiência (RABINI *et al.*, 2020, p. 15). Esta análise foi usada para identificar as implicações para a política externa alemã da chegada ao poder de uma nova geração de líderes que não tinha tido experiência com guerras. Segundo as análises, os novos líderes se tornaram mais propensos a defender os interesses nacionais alemães no contexto internacional (RABINI *et al.*, 2020; PATERSON, 2011, p. 61-62).

4.1 Perfis de liderança

Para esta análise foram utilizadas 256 respostas em entrevistas, com pelo menos 100 palavras cada, provenientes de 42 coletivas de imprensa e um total de 62.270 palavras dos presidentes, que ocorreram em variados locais, em países de todos os continentes e em diferentes ocasiões. Analisamos seis entrevistas de Kennedy, cinco ocorreram na Casa Branca e uma na França, de onde retiramos 50 respostas, com 11.604 palavras no total. 9.775 palavras compõem os textos das 52 respostas retiradas de 10 coletivas de imprensa com G. H. W. Bush. As coletivas aconteceram em estados dos EUA, por exemplo, na Califórnia, onde G. H. W. Bush estava com o primeiro-ministro do Japão, Toshiki Kaifu, e também em outros países, como na Bélgica. Seis coletivas de imprensa com G. W. Bush em seu primeiro mandato (2001 a 2004) foram usadas para coletar 51 respostas do presidente contendo, no total, 10.806 palavras. Estas entrevistas ocorreram em locais como: a Casa Branca, outros estados nos EUA, no México, com o presidente do país, Vicente Fox, e na Irlanda do Norte, com o chefe de governo do Reino Unido, Tony Blair. Para o segundo mandato (2005 a 2009), foram utilizadas 16.369 palavras de 53 respostas retiradas de 12 coletivas de imprensa, principalmente nos EUA, mas também em outros países como a Austrália e o Afeganistão, onde estava G. W. Bush estava com o presidente Hamid Karzai, em 2008. Ao todo, as entrevistas de G. W. Bush totalizam 27.175 palavras. Já o material referente a Trump, foi coletado de 50 entrevistas, que somam 13.716 palavras e que aconteceram na sua maioria em Washington, mas também em Nova York, na Suíça e no Vietnã, ao lado de Tran Dai Quang, o presidente vietnamês.

TABELA 4

Traços de liderança: crença na capacidade de influenciar eventos (BACE), necessidade de poder (PWR), autoconfiança (SC), complexidade conceitual (CC), desconfiança nos outros (DIS), valorização do grupo (IGB) e orientação a tarefas (TASK) de cada presidente, comparados com a pontuações das características de liderança de 122 líderes políticos e 87 chefes de Estado

		122 líderes	87 chefes de estado
		M = 0.45	M = 0.44
		B < 0.33	B < 0.30
Presidente	BACE	A > 0.57	A > 0.58
Kennedy	0.3273	Baixo	Moderado
G. H. W. Bush	0.3442	Moderado	Moderado
G. W. Bush	0.3262	Baixo	Moderado
Trump	0.382	Moderado	Moderado
		M = 0.50	M = 0.50
		B < 0.38	B < 0.37
Presidente	PWR	A > 0.62	A > 0.62
Kennedy	0.2098	Baixo	Baixo
G. H. W. Bush	0.2831	Baixo	Baixo
G. W. Bush	0.2585	Baixo	Baixo
Trump	0.2696	Baixo	Baixo
		M = 0.57	M = 0.62
		B < 0.34	B < 0.44
Presidente	SC	A > 0.80	A > 0.81
Kennedy	0.6625	Moderado	Moderado
G. H. W. Bush	0.5014	Moderado	Moderado
G. W. Bush	0.425	Moderado	Baixo
Trump	0.4979	Moderado	Moderado

		M = 0.45	M = 0.44
		B < 0.32	B < 0.32
Presidente	CC	A > 0.58	A > 0.56
Kennedy	0.65	Alto	Alto
G. H. W. Bush	0.677	Alto	Alto
G. W. Bush	0.6305	Alto	Alto
Trump	0.6358	Alto	Alto
		M = 0.38	M = 0.41
		B < 0.20	B < 0.25
Presidente	DIS	A > 0.56	A > 0.56
Kennedy	0.0849	Baixo	Baixo
G. H. W. Bush	0.0982	Baixo	Baixo
G. W. Bush	0.2048	Moderado	Baixo
Trump	0.2826	Moderado	Moderado
		M = 0.43	M = 0.42
		B < 0.34	B < 0.32
Presidente	IGB	A > 0.53	A > 0.53
Kennedy	0.1263	Baixo	Baixo
G. H. W. Bush	0.1091	Baixo	Baixo
G. W. Bush	0.1308	Baixo	Baixo
Trump	0.1289	Baixo	Baixo
		M = 0.62	M = 0.59
		B < 0.48	B < 0.46
Presidente	TASK	A > 0.76	A > 0.71
Kennedy	0.6328	Moderado	Moderado
G. H. W. Bush	0.6166	Moderado	Moderado

G. W. Bush	0.6245	Moderado	Moderado
Trump	0.5143	Moderado	Moderado

Fonte: Elaboração própria

Nesta Tabela 4 apresentamos os perfis de liderança de J. F. Kennedy, G. H. W. Bush, G. W. Bush e D. Trump, a partir dos documentos recolhidos no *The American Presidency Project*. Comparamos os resultados com a média de pontuações nos sete traços de lideranças nos perfis de 122 líderes políticos de diferentes tipos, de 48 países analisados por Hermann (2002: p. 32-33), em uma lista que inclui chefes de movimentos revolucionários, organizações terroristas e membros de câmaras legislativas. Fizemos a mesma comparação com os perfis de 87 chefes de Estado de 46 países, também com dados de Hermann (2002: p. 32-33). Para construir os perfis de liderança de cada um dos quatro presidentes estadunidenses consideramos que a pontuação em um traço superior a um desvio padrão acima da média é alta, inferior a um desvio padrão abaixo é baixa e entre ambos é moderada.

4.1.1 Respeita ou desafia os constrangimentos do ambiente

De acordo com Hermann (2002), os traços crença na própria capacidade de influenciar eventos e necessidade de poder podem indicar se o líder desafia ou respeita as restrições do ambiente em que se encontram. Segundo ela, grandes crenças na capacidade de poder e necessidade de poder estão associadas a líderes que não respeitam os constrangimentos, agressivos, ativos no processo decisório e habilidosos em fazer política nos bastidores para realizar seus planos (HERMANN, 2002, p. 13). Já os que pontuam baixo nos dois, respeitam as restrições, não se desviam das regras de seus grupos e se preocupam mais em construir consenso e acordos, ao invés de formas mais agressivas de resolver disputas. Grande pontuação em crença na capacidade de influenciar eventos e baixa ou moderada em necessidade de poder, geralmente é a pontuação de líderes que desafiam as restrições, tentam avançar seus objetivos assertivamente e mas não se esforçam em conseguir os meios para isso. Enquanto uma baixa crença na capacidade de influenciar eventos e uma alta necessidade de poder aparecem em perfis de liderança de líderes com tendências a não respeitar os constrangimentos e a serem pragmáticos em suas ações buscando formas de exercer poder sobre os outros para conseguir o que querem, discretamente de maneira indireta (HERMANN, 2002, p. 11-17).

Como vimos na Tabela 4, tanto J. F. Kennedy, G. H. W. Bush, G. W. Bush e D. Trump, possuem simultaneamente, baixas pontuações na característica necessidade de poder e crença na

habilidade de influenciar eventos de moderada a baixa. Isso indica que os quatro presidentes têm tendência a respeitar os constrangimentos do contexto e a não se esforçar muito para obter formas de conseguir seus objetivos. Kennedy reformou o seu conselho segurança nacional para ter mais controle sobre o processo decisório (HERRING, 2008, p. 703). George H. W. Bush respeitava as restrições, por exemplo ao manter a discrição para facilitar o desmantelamento das zonas de influência da URSS e G. W. Bush, se esforçou bastante pelo apoio do Conselho de Segurança ONU em suas ações na guerra do Iraque de 2003, mas seguiu com o ataque mesmo não obtendo a aprovação do conselho.

A baixa crença na própria capacidade de influenciar eventos de Kennedy, pode indicar que ele não se vê como alguém que possui o controle sobre o que acontece ao seu redor e portanto que tende a tomar menos iniciativa. Essa pontuação pode indicar que o presidente seja mais passivo nas situações seguindo as ideias de outros ao invés das próprias e delegando funções ao invés de fazê-las ele mesmo e também que esteja mais disposto a resolver os problemas por meio de concessões e acordos. No entanto, Kennedy era bastante ativo na política externa, em seu governo fez várias ações externas em diversos locais no mundo como o programa de desenvolvimento direcionado a América Latina "Aliança para o Progresso", a fim de reduzir a ameaça percebida como a possibilidade do avanço do comunismo em países do então chamado terceiro mundo (HERRING, 2008, p. 710 e 711). Com o mesmo objetivo relacionado a segurança, desempenhou esforços diplomáticos em regiões centrais da Ásia, como Índia, Paquistão, Egito e a Síria, procurando conseguir apoio dos países, para diminuir as chances deles se alinharem com os soviéticos e para ter influência na região (HERRING, 2008, p. 711 a 713). Considerando que Kennedy tem a maior pontuação entre os quatro presidentes, a hipótese de que maior crença na capacidade de controlar eventos implicaria em maiores quantidades de ações propostas para as ameaças é sustentada.

TABELA 5

Traço de liderança crença na capacidade de influenciar eventos (BACE) de G. W. Bush em seus dois mandatos (2001 a 2004 e 2005 a 2009), comparando com a pontuação na característica, de 122 líderes políticos

	122 líderes			
	M = 0.45			
	B < 0.33			
Mandato	IC	EC	BACE	A > 0.57
G. W. Bush I	180	345	0.3429	Moderado
G. W. Bush II	230	502	0.3142	Baixo

Fonte: Elaboração própria

Como é mostrado na Tabela 5 a pontuação de George W. Bush em crença na capacidade de poder diminuiu de um mandato para o outro: quando comparados com os 122 líderes políticos, no primeiro (2001 a 2004) a pontuação é moderada e no segundo é baixa. O trabalho de Rabini *et. al* (2020, p. 15), mostrou que a experiência de líderes em guerras, pode levá-los não mais acreditar que podem controlar os eventos. Talvez essa mudança na pontuação seja mais um indicativo desse efeito dessas experiências, nos líderes, considerando que durante o primeiro mandato do governo G. W. Bush, em 2003, os EUA entraram em guerra no Iraque.

4.1.2 Como processam as informações

Para Hermann (2002) a maneira que os líderes processam informações do ambiente, se eles são influenciados por elas ou não, podem ser acessados por meio dos traços “complexidade conceitual” e “autoconfiança”. Uma pontuação mais alta em complexidade conceitual do que em autoconfiança, segundo ela, aparece em perfis de liderança de líderes que são abertos às informações, respondem às questões conforme considera adequado a situação (HERMANN, 2002, p. 18). Quando a pontuação em autoconfiança é maior do que a complexidade conceitual, geralmente o líder tende a ser resistente às informações, não respondendo a elas, ou selecionando-as de maneira que só inclua o que corrobora sua visão e podem ser agressivos em defender suas ideias (HERMANN, 2002, p. 20 e 21). Individualmente, a autoconfiança alta está relacionada com uma tendência a líderes que mantêm as suas decisões pois acreditam em si mesmos e que tomam

iniciativas das quais tomam responsabilidade (HERMANN, 2002, p. 21). Líderes com baixa autoconfiança têm maior tendência a mudar as suas decisões por conta de desafios que encontram e a trocar o curso de suas ações com base no que os outros falam (HERMANN, 2002, p. 22). Quando a pontuação do líder é baixa em complexidade conceitual ele tende a ver o mundo em termos muito restritos e muitas vezes dicotômicas e a não mudar de ideia com facilidade, pois interpretam as questões de uma forma quase dogmática (HERMANN, 2002, p. 23). O oposto ocorre quando a pontuação é alta, o líder entende as questões em várias dimensões diferentes (HERMANN, 2002, p. 23).

As pontuações em complexidade conceitual altas de Kennedy, G. H. W. Bush, G. W. Bush e Trump (Tabela 4) podem indicar tendências desses líderes, que envolve serem mais atentos às necessidades, desejos, ideias dos outros e a ter seu comportamento influenciado por elas. Analisando a fim de verificar nossa hipótese de que quanto maior a complexidade conceitual melhor as ameaças são definidas pelo líder, notamos que George H. W. Bush é quem pontua mais alto nessa característica e as ameaças mais evidentes em sua percepção, segundo nossa análise de conteúdo, são referentes a URSS e ao terrorismo no Oriente Médio. Identificamos cinco temas de ameaças de segurança relacionadas com a URSS (5,94% do total) e quatro temas de ameaças relacionadas ao terrorismo (4,95% do total). Ao todo, encontramos 101 temas diferentes relacionados à segurança nos discursos de G. H. W. Bush. Colocando em comparação com o presidente com menor pontuação no traço, que é G. W. Bush, vemos uma quantidade menor de expressões relacionadas a suas ameaças mais evidentes, que são referentes ao terrorismo no oriente médio. George W. Bush, tem 116 temas marcados em seus discursos e 16 deles são códigos que contém palavras relacionadas de diferentes maneiras ao esse tema de segurança predominante (13% do total). Portanto não pudemos sustentar a hipótese de que maior a complexidade conceitual melhor definidas são as ameaças descrevendo atores, ações, lugares, ideias e situações relacionadas com elas.

A autoconfiança baixa de G. W. Bush, quando comparado com os 87 chefes de Estado, sugere uma auto imagem fraca e que portanto pode tender a não manter suas decisões, modificando-as quando as situações criam dificuldades que o pressiona para fazê-lo, além de não tomar a responsabilidade para si nos projetos políticos. No entanto, o presidente tendia a se manter firme em suas decisões, por exemplo quando decidiu que queria invadir o Iraque e o Congresso foi relutante em apoiar. E G. W. Bush conseguiu convencê-los a darem uma "carta Branca" para ele seguir com a guerra (HERRING, 2008, p. 948-949).

Todos presidentes apresentaram pontuações altas em complexidade conceitual, com valores acima de suas pontuações em autoconfiança. Isso sugere que eles têm uma tendência a ser sensíveis

às informações contextuais, ou seja, mais abertos a elas. Quem pontuou mais alto em autoconfiança, que de acordo com a nossa hipótese, identificaria um número maior de ameaças, foi Kennedy. O que notamos com a nossa análise de conteúdo foi que o presidente tinha as suas questões de segurança focadas no comunismo e na URSS, enquanto G. W. Bush que pontuou mais baixo na característica, também tinha as percepções de ameaça concentradas, neste caso, no terrorismo e os conflitos no Oriente Médio. Então não pudemos confirmar a nossa hipótese de que quanto maior a autoconfiança, maior é o número de ameaças identificadas.

4.1.3 Motivações

Hermann (2002, p. 23) expõe que os traços orientação a tarefa, valorização do grupo e desconfiança nos outros, são úteis para acessar se os líderes são movidos por problemas ou por relacionamentos. A orientação a tarefas indica se ele tem um foco em seguir alguma causa interna, realizar seus objetivos, priorizando-os em relação a seus apoiadores e aliados, de maneira pragmática, que é o caso quando a pontuação é alta (HERMANN, 2002, p. 26). Nos casos que é a pontuação nessa característica é baixa, a prioridade são os relacionamentos, os líderes são mais propensos a dividir poder com seus aliados e apoiadores, tendo cuidado em mantê-los satisfeitos e leais (HERMANN, 2002, p. 27). A alta valorização do grupo no perfil de um líder aponta que ele tende a colocar o grupo que considera que pertence como o foco central da sua percepção de mundo, tendo um grande desejo de proteger a identidade deste e fortes conceitos de "eles" e "nós", muitas vezes entendendo os "outros" como causadores de problemas para o grupo (HERMANN, 2002, p. 29). Estes líderes identificam mais ameaças no ambiente do que os com a pontuação baixa neste traço, que tendem a não se identificar tão rigidamente apenas um grupo específico em todas situações. Neste caso o conceito de "nós" e "eles" podem ser diferentes dependendo da questão (HERMANN, 2002, p. 30).

Como vemos na Tabela 4, todos quatro presidentes têm a pontuação em orientação a tarefas moderada, o que pode significar uma tendência a tratar seus apoiadores e aliados como instrumentos para realização de algum objetivo em alguns momentos e que em outros, o relacionamento com eles é o próprio objetivo.

A baixa valorização do grupo, nos perfis de liderança de J. F. Kennedy, G. H. W. Bush, G. W. Bush e D. Trump pode indicar que eles tendem a colocar as situações em perspectiva para decidir quais são os grupos que devem proteger e o que é uma ameaça. Assim, esses líderes podem ter uma inclinação a perceber identidades diferentes com o que considera o seu grupo e os "outros", incluindo diferentes países, dependendo da situação. Nossa hipótese a respeito das implicações dos

valores dos líderes para este traço é de que quanto maior a pontuação, mais ameaças diferentes se originariam fora do país. O presidente com o valor mais alto na característica foi George W. Bush, que a análise de conteúdo revelou ter como foco das percepções de ameaça a questão do terrorismo, direcionada para fora do país, mas não muito diversa, pois as referências principais são ao Iraque (ver capítulo 3). Isso pode ser um indicativo contra a hipótese de que quanto maior a pontuação em valorização do grupo, mais ameaças diferentes se originariam fora do país.

A baixa desconfiança de Kennedy, G. H. W. Bush e G. W. Bush, quando comparado com os 122 líderes políticos, pode significar uma tendência a colocar em perspectiva as situações para decidir quem representa uma ameaça e a não se preocupar deliberadamente em restringir o poder dos aliados, assim como podem perceber um número menos diverso de ameaças e de origens para estas. Os três líderes que pontuam baixo em ambos dois traços tendem a ficar menos preocupados com as ameaças e a ver os relacionamentos como oportunidades, ao contrário de outros líderes que tenham pontuações altas nessas características.

TABELA 6

Traço de liderança de confiança nos outros (DIS) de G. W. Bush em seus dois mandatos (2001 a 2004 e 2005 a 2009), comparando com a pontuação na característica, de 122 líderes políticos

	122 líderes			
	M = 0.38			
	B < 0.20			
Presidente	HD	LD	DIS	A > 0.56
G. W. Bush I	48	210	0.18	Baixo 6
G. W. Bush II	97	353	0.21	Moderado 56

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 6 mostra que houve um aumento na pontuação em desconfiança de G. W. Bush entre os seus mandatos. Comparado com 122 líderes políticos, a pontuação de seu primeiro mandato é considerada baixa e no segundo é moderada. Rabini *et. al* (2020), tenta verificar se líderes que possuem experiência em guerras, teriam pontuação maior do que os outros em desconfiança,

passando a identificar mais ameaças em diferentes lugares, não encontrando, no entanto, uma relação consistente para responder sua hipótese. Por outro lado, esse aumento na pontuação dessa característica de George W. Bush, seja um indicativo de que a característica foi influenciada pela experiência do líder na Guerra do Iraque, de 2003, mostrando-se uma evidência a favor de que essa influência aconteça em alguns casos.

Notamos que a mais alta desconfiança entre os quatro presidentes é a de Trump, que é moderada. Reflexões podem ser feitas quanto a nossa hipótese de que quanto maior a pontuação em desconfiança mais intensa as ameaças em todos os níveis (doméstico e internacional). Verificamos, através da análise de conteúdo (ver capítulo 3 deste trabalho), que Trump, o líder com maior pontuação no traço, teve as suas maiores frequências nos códigos "Fronteira" e "Terrorismo" na segunda codificação. O primeiro desses dois, consideramos um indicativo da percepção de ameaça referentes à questão da imigração em seu país (nível doméstico), com ações intensas, como tentar pressionar o congresso para a aprovação de um orçamento para construção de um muro na fronteira, inclusive declarando o desligamento parcial do governo federal que acabou se estendendo por 35 dias em 2019 (TRUMP'S FOREIGN POLICY MOMENTS, 2021). E sobre o subtema "Terrorismo", entendemos que sugere que Trump percebia um foco importante de ameaças internacionais, as quais o governo buscou responder com ações intensas fora de seu país, como o lançamento de mísseis para atacar o líder militar revolucionário iraniano Qasem Soleimani, em 2020, arriscando uma escalada de conflito que poderia vir a envolver outros países (TRUMP'S FOREIGN POLICY MOMENTS, 2021). Já Kennedy, que possui a menor pontuação nessa característica, também tinha tendências a propor ações intensas, em relação às suas percepções de ameaça, direcionadas para o exterior de seu país, como a invasão à Baía dos Porcos, no primeiro ano de seu governo (1961). "Comunismo" foi um tema muito relevante para este presidente, o que consideramos sinal de uma percepção de ameaça identificada com a ideologia comunista. Não existe razão para excluir a possibilidade da existência de uma ideologia dentro da sociedade estadunidense, no entanto não notamos ações internas, propostas por Kennedy, tão intensas quanto as de Trump - que no exemplo supracitado podem ter efeitos graves ao parar o funcionamento do governo - em relação a essa percepção de ameaça. Portanto podemos considerar que a nossa hipótese foi favorecida pelos dados, no que esperava que os líderes com maior desconfiança tendem a propor ações mais intensas contra ameaças em todos os níveis.

Como a orientação a tarefas é, em todos casos analisados, maior que a desconfiança e a valorização do grupo, pode ser um indicativo de que os quatro líderes são mais motivados por objetivos do que por relacionamentos. A nossa hipótese em relação a esse traço, pode ser discutida a partir de Kennedy, quem possui a maior pontuação e portanto, segundo os resultados da análise,

seria o líder com maior disposição a tomar ações unilaterais. Não verificamos uma maior incidência de ações unilaterais por parte de Kennedy, o que não nos permite confirmar a hipótese.

4.2 Conclusão do capítulo

Considerações importantes sobre as tendências e o comportamento dos líderes são possíveis através da Análise de Traços de Liderança. Notamos que às vezes as tendências dos líderes se distinguem de sua ação política, mas que em outras elas se assemelham às políticas feitas pelos seus governos. Características como crença na capacidade de influenciar eventos, de Kennedy, e desconfiança, de Trump, indicaram que pode ser útil analisar mais detalhadamente as pontuações dos líderes nesses traços e estabelecer uma comparação entre os quatro casos analisados aqui para acessar tendências relacionadas com percepções de ameaça e as ações referentes a estas. Isso porque mesmo, apresentando valores abaixo do desvio padrão da média em diversos traços de liderança, o fato de receberem pontuações maiores do que os dos outros quatro presidentes, revelou tendências que elucidam a maneira desses líderes interpretar e agir em relação a assuntos relacionados à segurança. O mesmo não se confirma com outros traços de liderança, pois não trouxeram resultados satisfatórios para confirmar as nossas hipóteses.

5 Conclusão

Conseguimos, através da Análise de Conteúdo, à luz do contexto internacional, elucidar as principais percepções de ameaça que aparecem no conteúdo do discurso dos presidentes, em cada um dos quatro períodos (1961-1963, 1989-1993, 2001-2009 e 2017-2021) e algumas mudanças ocorridas ao longo de todo o período. Dessa maneira, foi possível discutir o que os elementos surgidos a partir da análise significa para política externa. As percepções de ameaça que podem ser acessadas com a ajuda dos discursos são, pelo menos no caso dos governos estadunidenses estudados aqui, causados principalmente pelas possibilidades que o sistema internacional parece apresentar.

Algo a questionar é se os efeitos limitados observados entre os achados da Análise de Traços de Liderança sobre as políticas sejam de origem sistêmica ou se são provenientes do regime político dos EUA, que não deixa tanto poder centralizado nas mãos do líder estudado. Quando levamos em conta o estudo de Görener e Ucal sobre a política externa de Erdoğan, destaca-se a possibilidade de que esses efeitos tenham sido consideráveis no governo turco porque o sistema político turco coloca um poder de decisão muito maior nas mão do primeiro ministro (GÖRENER e UCAL, 2011).

As informações que obtivemos a partir da Análise de Conteúdo, foram úteis para discussão dos efeitos dos traços de liderança nas ações de política externa e as duas análises se mostraram complementares. Os traços individuais dos presidentes tiveram, em geral, menor participação na explicação de como essas percepções influenciam os discursos, com exceção dos traços “crença na capacidade de controlar eventos” e “desconfiança”. Considerando que a segurança é uma questão de sobrevivência, uma possível explicação para esses dois traços terem maior efeito sobre a apresentação das questões de segurança nos discursos é que a crença na capacidade de influenciar eventos gera uma tendência a tentar controlar o que acontece. Isso se manifesta nos temas de segurança dos discursos como maneiras de buscar a sobrevivência dos EUA. Por outro lado, a desconfiança gera uma maior insegurança em relação aos potenciais inimigos refletindo em maior quantidade de ameaças descritas em suas falas.

Referencias:

ANDERSON, James. Chapter 1: The Study of Public Policy. **Public policymaking: An introduction**. Boston: Houghton Mifflin Company, 2003, p. 1-34.

CORPUS of Presidential Speeches. **The Grammar Lab**. Disponível em: <http://www.thegrammarlab.com/?nor-portfolio=corpus-of-presidential-speeches-cops-and-a-clintontrump-corpus>. Acesso em 12 mai. 2021.

SILVA, Danielle; RIBEIRO, Renata; CARVALHO, Tássia. **A análise de conteúdo de pronunciamentos oficiais como metodologia interpretativa da política externa brasileira**. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, v.6, n. 2, 2015.

COX, Robert. Social forces, states and world orders: beyond international relations Theory. In: KEOHANE, Robert. **The neorealism and its critics**. New York: Columbia, 1986.

HERMANN, Margaret. **Assessing Leadership Style: a trait analysis**, 2002. Disponível em: <https://socialscience.net/docs/LTA.pdf>>. Acesso em 21 mai. 2021.

HERRING, George C. **From colony to superpower: U.S. foreign relations since 1776**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOWLET, Michael; RAMESH, M. Chapter 1: **Policy Science and Policy Cycles**. Studying Pulic Policy: policy cycles and policy subsystems. Ontario: Oxford University Press, 2003.

HUDSON, Valerie. M. Foreign Policy Analysis: Actor Specific Theory and the Ground of International Relations. **Foreign Policy Analysis**, 1, 2005, pp. 1-30.

KRIPPENDORFF, K. (2004). **Content analysis: An introduction to its methodology**. Thousand Oaks, CA: Sage

LOWTHER, Ed. **US election 2020: Trump's impact on immigration in seven charts**. BBC, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/election-us-2020-54638643>. Acesso em 21 mai. 2021.

MILLER CENTER. **Presidential Speeches**. 2021. Disponível em: <https://millercenter.org>. Acesso em 23 abr. 2021.

PATERSON, W. E. The Reluctant Hegemon? Germany Moves Centre Stage in the European Union. **JCMS: Journal of Common Market Studies**, vol. 49, p. 57–75, 3 Aug. 2011. DOI 10.1111/j.1468-5965.2011.02184.x. Available at: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-5965.2011.02184.x>. Accessed on: 18 Jun. 2021.

RABINI, C.; BRUMMER, K.; DIMMROTH, K.; HANSEL, M. Profiling foreign policy leaders in their own language: New insights into the stability and formation of leadership traits. **The British Journal of Politics and International Relations**, vol. 22, no. 2, 9 Mar. 2020. DOI

10.1177/1369148120910984. Available at:
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1369148120910984>. Acesso em: 19 Jun. 2021.

RASCOE, A. **In blustery call, Trump pressured Mexico on border wall payment**. 3 Aug. 2017. U.S. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-idUSKBN1AJ20F>. Accessed on: 14 Oct. 2021.

THE AMERICAN PRESIDENCY PROJECT. **News conferences**. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/app-categories/presidential/news-conferences>

TRUMP'S FOREIGN POLICY MOMENTS. **Council on Foreign Relations**. Available at: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. 2021. Acesso on: 19 Jun. 2021.

LEVINE, Nick; YOUNG Michael D. **Leadership Trait Analysis and Threat Assessment with Profiler Plus**. Proceedings of ILC 2014 on 8th International Lisp Conference, Montreal, QC, Canada — August 14 - 17, 2014. Association for Computing Machinery. 2014.

WALTZ, Kenneth. N. The Origins of War in Neorealist Theory. **Journal of Interdisciplinary History**. Vol. 18, n. 4, 615-628. 1988.